



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM ADMINISTRAÇÃO

VANESSA PEREIRA PINHEIRO

O ORGANIZAR DAS PRÁTICAS DE ESPAÇO NA CIDADE CRIATIVA: O CASO
DO POÇO DA DRAGA

FORTALEZA – CEARÁ

2022

VANESSA PEREIRA PINHEIRO

O ORGANIZAR DAS PRÁTICAS DE ESPAÇO NA CIDADE CRIATIVA: O
CASO DO POÇO DA DRAGA

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Administração do Programa de Pós-Graduação em Administração do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará. Área de concentração: Gestão, Organizações e Ambiente. Linha de pesquisa: Gestão e Estudos Organizacionais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Sílvia Rocha Ipiranga.

FORTALEZA – CEARÁ

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Pinheiro, Vanessa Pereira.

O organizar das práticas de espaço na cidade criativa: o caso do Poço da Draga [recurso eletrônico] / Vanessa Pereira Pinheiro. - 2022. 89 f.

Dissertação (MESTRADO ACADÊMICO) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Curso de Programa de Pós-graduação Em Administração - Mestrado, Fortaleza, 2022.

Orientação: Prof.^a Pós-Dra. Ana Sílvia Rocha Ipiranga.

1. Cidade. 2. Práticas de Espaço. 3. Design, Poço da Draga. 4. Distrito Criativo. 5. Michel de Certeau. I. Título.

VANESSA- PEREIRA PINHEIRO

O ORGANIZAR DAS PRÁTICAS DE ESPAÇO NA CIDADE CRIATIVA: O CASO DO
POÇO DA DRAGA

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Acadêmico em Administração do Programa de Pós-Graduação em Administração do Centro de Estudos Sociais Aplicados da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Administração. Área de concentração: Gestão, Organizações e Ambiente. Linha de pesquisa: Gestão e Estudos Organizacionais.

Aprovada em: 25 de janeiro de 2022.

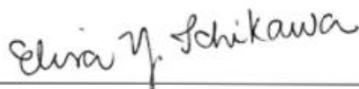
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Ana Silvia Rocha Ipiranga
(Orientadora e Presidente da Banca – UECE)



Dr.^a Luma Louise Sousa Lopes
(Membro externo – UFC)



Dr.^a Elisa Yoshie Ichikawa
(Membro externo – UEM)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, professora Dr.^a Ana Silvia Rocha Ipiranga, por aceitar conduzir o meu trabalho de pesquisa. Suas contribuições, paciência e instrução ao longo desses últimos anos na graduação e no mestrado foram indispensáveis para a minha formação acadêmica.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de estudos nos dois anos do curso de mestrado.

Aos meus professores do programa de Pós- Graduação em Administração do curso de Mestrado em Administração da Universidade Estadual do Ceará, pela excelência da qualidade técnica de cada um.

Aos meus pais Verônica e Fernando, que sempre estiveram ao meu lado me apoiando ao longo de toda a minha trajetória. Sem vocês nada seria possível. Esta dissertação é a prova de que todo seu investimento e dedicação valeram a pena.

À minha irmã Flávia e a toda a minha família, pela confiança no meu progresso e pelo apoio emocional.

Ao meu namorado Gustavo, pelo apoio e incentivo demonstrado durante o período do projeto, e que se desdobrou em esforços para me ajudar durante diversos momentos da minha carreira acadêmica.

Às professoras Dr.^a Luma Louise Sousa Lopes e Dr.^a Elisa Yoshie Ichikawa pelas contribuições na fase de qualificação e defesa deste trabalho.

À minha prima, professora Dr.^a Paula Virginia Pinheiro Batista por abrir a porta da sua biblioteca pessoal e me emprestar inúmeros livros que fizeram parte dessa dissertação.

À minha prima Fabiana, que formada em filosofia, me ajudou a desvendar o conceito de poder de Foucault.

À toda a minha família, por fazerem parte de quem eu sou.

Aos integrantes do grupo “Criadas da Ana Silvia” (no WhatsApp), que sempre me ajudaram em momentos de dúvidas e por compartilharem suas conquistas.

Aos moradores do Poço da Draga, muito obrigada por todos que se dispuseram a ajudar-me na realização das entrevistadas.

“Não há lógica que possa ser sobreposta na cidade; as pessoas fazem isso, e é para elas, não edifícios, que devemos encaixar nossos planos.”

(Jane Jacobs)

RESUMO

No ano de 2019, a cidade de Fortaleza, capital do Ceará, recebeu a chancela da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) de cidade criativa do design. Este Projeto prevê a organização de um Distrito Criativo entre os limites de dois bairros da Praia de Iracema e do Centro da cidade. Nas margens urbanas que circundam estes bairros está situada a comunidade Poço da Draga. O objetivo foi compreender como ocorre a integração da comunidade do Poço da Draga no organizar da cidade criativa do design. Para isso, foi articulada a abordagem teórica das práticas, em particular o conceito de “prática de espaço” de Michel de Certeau. A metodologia de natureza qualitativa e de caráter exploratório envolveu levantamentos e estudos bibliográficos e documentais, complementados pela realização de entrevistas. A análise se baseou no exame temático das práticas de espaço, à luz dos objetivos da pesquisa. Os resultados evidenciaram um organizar urbano de práticas de espaço criativas, sub-reptícias, ainda ocultadas, mas demonstrando uma potencialidade de integração da comunidade do Poço da Draga ao Distrito Criativo da Praia de Iracema/Centro da cidade criativa do design.

Palavras-chaves: Cidade; Práticas de Espaço; Design, Poço da Draga; Distrito Criativo; Michel de Certeau

ABSTRACT

In 2019, the city of Fortaleza, capital of Ceará, in Brazil received the seal of approval from the United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO) as a Creative City of Design. This Project foresees the organization of a Creative District between the limits of two neighborhoods in Praia de Iracema and Centro. On the urban margins surrounding these neighborhoods is located the community Poço da Draga. The objective was to understand how the integration of the community of Poço da Draga occurs in the organization of the creative city of design. For this, the theoretical approach of practices was articulated, the concept of "space practice" by Michel de Certeau. The methodology of a qualitative and exploratory nature involved surveys and bibliographic and documentary studies, complemented by interviews. The analysis was based on the thematic examination of the practices of space, in the light of the research objectives. The results showed an urban organization of creative space practices, surreptitious, still hidden, but demonstrating a potentiality of integration of the community of Poço da Draga to the Creative District of Praia de Iracema/Center of the creative city of design.

Keywords: City; Practices of space; Design; Poço da Draga; Creative District; Michel de Certeau

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa das teorias da prática.....	19
Figura 2 - Definições sobre oa cidade criativa.....	35
Figura 3 - O que é barrro para Lynch (2011) e para Certeau (2009).....	40
Figura 4 - Perímetro dos espaços urbanos que constituirão o Distrito Criativo	41
Figura 5 - Áreas ocupadas e ZEIs nos bairros da Praia de Iracema/Centro (2013).....	51
Figura 6 - Barreiras do Poço da Draga.....	53
Figura 7 - Perímetro dos espaços urbanos que constituirão o Distrito Criativo	56
Figura 8 - Eixos de atuação do Distrito Criativo.....	57
Figura 9 - Calçada das Latas D'água.....	61
Figura 10 - Panfletos do aniversário do Poço da Draga	62
Figura 11 - Fotos da ONG Velaumar.....	64
Figura 12 - Artesanatos que Ivoneide Gois produz.....	65
Figura 13 - Paredes do Poço da Draga.....	66
Figura 14 - Poster da Exposição Poço 115: Rastros da Cidade.....	67
Figura 15 - Grafites realizados pelo Coletivo Fundo da Caixa	69
Figura 16 - Local de compostagem do projeto Composta Poço	70
Figura 17 - Convite para o Cineclube.....	71

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Cidades nos estudos organizacionais: "territorialidade", "cultura", "sociabilidades" e "símbolos"	27
Quadro 2 - Cidades nos estudos organizacionais: "desigualdade social e segregação urbana"	30
Quadro 3 - Fontes da consulta bibliográfica utilizada na análise	42
Quadro 4 - Fontes da consulta documental utilizada na análise	43
Quadro 5 - Fontes da consulta documental utilizada na análise	43
Quadro 6 – Perfil dos entrevistados	44
Quadro 7 - Projetos encontrados no Poço da Draga.....	72

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	17
2.1	A abordagem das práticas e o conceito das práticas na cidade segundo De Certeau.....	17
2.1.1	O conceito de práticas de espaço de Michel de Certeau.....	23
2.2	A cidade nos Estudos Organizacionais	25
2.2.1	A cidade criativa e o design da cidade.....	33
2.2.2	O bairro da cidade para Kevin Lynch e Michel de Certeau.....	38
3	METODOLOGIA.....	41
4	ANÁLISES E DISCUSSÕES	46
4.1	As práticas de marginalização de espaços urbanos na cidade de Fortaleza	46
4.2	A comunidade do Poço da Draga e os seus limites entre os bairros da Praia de Iracema/Centro da cidade	50
4.3	O Projeto Unesco Fortaleza Cidade Criativa do Design e a criação do Distrito Criativo da cidade.....	55
4.4	O organizar de práticas de espaço na comunidade do Poço da Draga em termos de sua integração com o distrito criativo de Fortaleza.....	58
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
	REFERÊNCIAS	77
	ANEXOS	86
	ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA MORADORES E LÍDERES DE PROJETO DO POÇO DA DRAGA	87
	ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA COORDENADORES DO PROJETO FORTALEZA CIDADE CRIATIVA E DO DISTRITO CRIATIVO	88
	ANEXO C – MAPA DO POÇO DA DRAGA ELABORADO PELO GRUPO DE PESQUISA RASTROS URBANOS.....	89

1 INTRODUÇÃO

No ano de 2019, a cidade de Fortaleza, capital do Ceará, recebeu a chancela da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), como cidade criativa em design. Com esta chancela Fortaleza começa a fazer parte da Rede Global de Cidades Criativas (*Network Creative Cities Network - UCCN*). A UCCN tem como propósito promover uma cooperação internacional entre as cidades que reconhecem a criatividade como um importante instrumento para o desenvolvimento (DE SOUSA; DA SILVA MELLO; COLVARA, 2020).

Os diversos projetos que estão previstos para serem concretizados perante a chancela Unesco Fortaleza Cidade Criativa do Design têm um cronograma de execução para os próximos 4 anos entre 2020-2024. Estando comprometidos com a organização de um conjunto de ações relacionadas ao estímulo da Economia Criativa na cidade de Fortaleza (MENEZES; IPIRANGA, 2020; SILVEIRA, 2019). O dossiê que foi criado em abril de 2018 para a candidatura à chancela da Unesco atribuída a Fortaleza reúne um conjunto de projetos em desenvolvimento e a serem desenvolvidos e que tem como propósito organizar uma cidade criativa e conectada com as demais cidades criativas da UCCN (FORTALEZA CRIATIVA, 2020).

A Rede de Cidades Criativas da UNESCO (UCCN) foi concebida no ano de 2004 para possibilitar a cooperação entre as cidades que conseguiram identificar a criatividade como um fator estratégico para a organização urbana sustentável. Atualmente existem 246 cidades que constituem esta rede, as cidades trabalham em conjunto com um objetivo em comum: colocar a criatividade e as indústrias culturais no centro de seus planos de desenvolvimento em nível local e cooperar ativamente em nível internacional (UNESCO, 2021).

Nesse sentido, as cidades criativas podem ser entendidas como um local onde as pessoas podem criar soluções e ter oportunidades que harmonize a tradição e a inovação da cidade, ou seja, que possa existir inovação sem precisar excluir a tradição, o sentimento que é criado pelo passado e o futuro da cidade não são apenas amarras, elas significam pontos de partida para que a cidade possa mudar e avançar (DEPINÉ, 2018). Da mesma forma, para Landry (2013) a cidade criativa mistura o velho com o novo, onde existe um senso de conforto e familiaridade, calmo e vivificante, além do risco e cautela. E para que a cidade se organize como uma cidade criativa é preciso criar oportunidades para que as pessoas possam criar processos e ferramentas de aprendizagem e expressar os seus talentos, isso faz com que o usuário seja o agente ator da mudança no próprio contexto urbano (LANDRY, 2013).

Um dos projetos apresentados pelo dossiê Unesco Fortaleza Cidade Criativa do Design foi a organização de um Distrito Criativo envolvendo os espaços conjugados entre os bairros da Praia de Iracema e do Centro da cidade de Fortaleza (FORTALEZA CRIATIVA, 2020). Os distritos criativos funcionam com o objetivo de aliar o empreendedorismo criativo, com inclusão social, inovação e sustentabilidade e estão tornando-se cada vez mais parte integrada do coração artístico e cultural das cidades, além disso, os negócios criativos que surgem a partir da cultura local fazem parte da vida empreendedora que acontece na cidade (LEITÃO, 2018). Os negócios criativos advindos dos setores de design, gastronomia, moda, artesanato e audiovisual que se organizam a partir da cultura local dinamizam a vida empreendedora da cidade que acontece nos espaços delimitados pela criatividade (MARQUES; RICHARDS, 2014).

Segundo os documentos da Prefeitura de Fortaleza – Fortaleza Criativa (2020) e o Plano Fortaleza 2040, os eixos de atuação do Distrito Criativo da cidade estão sendo organizados por meio de um conjunto de práticas entre diferentes atores públicos e privados, com base em um conjunto de ações, entre estas: a formação de competências criativas; a produção de conhecimento e o fomento à economia criativa; a pesquisa, desenvolvimento e inovação; a difusão da comunicação; o investimento em infraestrutura urbana e o desenvolvimento territorial (FORTALEZA CRIATIVA, 2020). Para isso:

O Plano Fortaleza 2040 e o Programa Rotas Estratégicas propõem a transformação da capital do Ceará em uma cidade criativa, inovadora, inteligente e empreendedora, conectada com as demais cidades criativas do mundo, reconhecida pela sustentabilidade, inovação e diversidade cultural dos seus bens e serviços, assim como pela inclusão produtiva da sua população, especialmente, da sua juventude (PLANO DE AÇÃO TERRITORIAL, 2018).

No perímetro desses espaços urbanos, onde está sendo organizado o Distrito Criativo de Fortaleza, se destaca a comunidade do Poço da Draga que se situa entre os limites dos bairros da Praia de Iracema e do Centro da cidade. A comunidade do Poço da Draga conta com 115 anos de história, fazendo parte dos amplos espaços marginalizados a oeste da cidade de Fortaleza. De acordo com Fortaleza (2021), o Poço da Draga possui 34.502,02 m² de território e cerca de 1.026 pessoas vivendo em assentamentos precários. Apesar de se localizar entre os espaços urbanos mais valorizados e que mais recebem investimentos na cidade de Fortaleza, sofre com o descaso dos órgãos competentes que o “deixam de fora” dos projetos desenvolvidos nos espaços do seu entorno. Dessa forma, sua população vivencia constantes ameaças de remoção, movidas pelo interesse turístico e a forte especulação imobiliária que

caracteriza os espaços urbanos da “nobre” região da orla da cidade de Fortaleza (BEZERRA, 2008).

A omissão do poder público para a região do Poço da Draga assume uma postura de “negligência maligna” (GONDIM, 2008), pois, historicamente, a comunidade sofre com baixos índices de renda, desemprego, além da falta de investimentos estruturais como de saneamento básico; e quase sempre, enfatiza a autora, toda melhoria que acontece é por meio de práticas organizadas e reivindicadas pelos próprios moradores, por isso, a comunidade do Poço da Draga é um símbolo de resistência e luta em meio aos bairros ditos nobres que foram se formando na orla marítima da cidade de Fortaleza (NOGUEIRA, 2019).

E para entender melhor a organização da comunidade do Poço da Draga e sua integração na Cidade Criativa do Design, precisamos inicialmente adentrar no campo dos estudos organizacionais sobre a cidade. Saraiva e Carrieri (2012) sugeriram o conceito de “organização-cidade”, onde a cidade é mais do que um espaço delimitado em que uma dada população reside, enfatizando o seu próprio povo, cujas experiências de vida na cidade se refletem na dinâmica da organização-cidade. Outros estudos também levantaram estas questões levando a uma compreensão sobre a cidade que parte do pressuposto de que ela é “habitada” por pessoas e esse olhar deve ser enfatizado. Nesse sentido, se faz necessária uma análise que vá além da administração pública e do urbanismo, “incorporando os que vivem na cidade e, com isso, determinam o que ela, de fato, é” (HONORATO; SARAIVA, 2016, p. 158).

Nesse contexto dos estudos organizacionais e da ciência da administração a dimensão cidade vem ganhando cada vez mais espaço nas pesquisas. Apesar de ser um tema relativamente novo no campo dos estudos organizacionais, sendo problematizado além dos aspectos quantitativos e materiais, tomando a cidade nos aspectos que se referem as suas experiências vividas e as suas políticas públicas (CALLEFI; ICHIKAWA, 2021; FANTINEL; CAVEDON, 2010; FISCHER, 1996; 1997; MAC-ALLISTER, 2004; IPIRANGA, 2010; MEDEIROS, VALADÃO; FERREIRA, 2008; LOPES; IPIRANGA, 2019; SARAIVA 2019).

Para o presente estudo e visando discutir a problemática urbana relacionada a integração da comunidade do Poço da Draga no organizar do Distrito Criativo da cidade de Fortaleza, primeiramente foi articulada a teoria da prática que foi discutida no final do século XIX e no século XX e que ao longo desses anos foi introduzida em contextos como da filosofia, teoria cultural, história, sociologia e antropologia (SCHATZKI, 2001). Para Schatzki (2006) as práticas se configuram como uma estrutura no espaço e tempo, envolvendo ações e atividades que se organizam por meio de processos referentes às “regras, estrutura afetiva-teleológica e entendimento geral”. Sendo assim o autor conceitua a prática como “uma multiplicidade no

espaço-temporal de ações organizadas pela evolução em conjunto dessas dimensões” (SCHATZKI, 2006, p. 2).

No Brasil, alguns autores enfatizaram que a discussão sobre as práticas nas ciências sociais e, em particular, na área da administração nos anos 70, se distanciou das teorizações mais abstratas sobre as organizações, aproximando aos estudos sobre o campo organizacional e focalizando o que as pessoas de fato fazem em seu cotidiano (BOAS; ICHIKAWA, 2020; DA SILVA, CARRIERI; JUNQUILHO, 2011; IPIRANGA; LOPES, 2016; MARINS; IPIRANGA, 2017; OLIVEIRA; CAVEDON, 2013; SANTOS; SILVEIRA, 2015).

Especificamente este estudo se baseará no conceito de “prática de espaço” de Michel de Certeau. Certeau (1994) observa que em uma cidade as práticas de espaço ocorrem como por meio de “uma espécie de cegueira”. O autor coloca que existe uma cidade metafórica que se insinua além da cidade planejada visível e sugere a detecção dessas práticas em relação ao espaço geográfico. Certeau (1994, p. 43) ainda adverte que a problemática de uma pesquisa urbana deve focalizar o contexto da “marginalidade de uma maioria”.

Em seus estudos sobre o design urbano, Lynch (2011) considerou que a cidade existe para quem ela é construída, convocando a participação dos seus habitantes para avaliar suas percepções da cidade. Para o autor a cidade pode ser invertida, interrompida, abandonada e atravessada a todo momento pelos seus habitantes (LYNCH, 2011). Sendo repleta de significados, momentos e lembranças que são vividas e construídas a partir de cada habitante, a imagem da cidade seria, portanto, “a junção de todos os sentidos que estão em operação ao vivenciar a cidade” (LYNCH, 2011, p. 1).

Com base nessas discussões, a questão guia que formulamos para esse estudo é: Como ocorre a organização da comunidade do Poço da Draga e sua integração na Cidade Criativa do Design? O objetivo geral desta pesquisa é compreender como o Poço da Draga se organiza em relação ao Distrito Criativo da cidade de Fortaleza. Para tal, buscamos em termos de objetivos específicos:

- a) Mapear os espaços urbanos envolvidos no Distrito Criativo de Fortaleza a partir do design dos bairros envolvidos: Praia de Iracema, Centro e a comunidade do Poço da Draga;
- b) Identificar e descrever práticas de espaço e de design no organizar do Distrito Criativo de Fortaleza;
- c) Analisar a integração das práticas de espaço da comunidade do Poço da Draga

no organizar do Distrito Criativo da cidade do design.

As principais contribuições deste trabalho são definidas em dois momentos. Uma de ampliamto teórico do escopo dos estudos de cidades nos estudos organizacionais, trazendo o conceito de “práticas de espaço” de Michel de Certeau no contexto urbano do design. O segundo é delinear proposições para a administração dos espaços urbanos envolvidos no organizar da cidade criativa do design. Pressupõe-se que conhecer as potencialidades que existem em uma comunidade, como a do Poço da Draga, será oportuno e promissor no contexto da gestão de projetos da prefeitura municipal de Fortaleza (PMF) e nos seus processos da organização do distrito criativo da cidade.

E é nesse sentido onde evidenciamos um outro ponto de relevância da presente pesquisa ao problematizarmos questões sobre a organização da comunidade do Poço da Draga, como ela surgiu, como ela é organizada e que tipo de práticas e projetos se encontram em funcionamento na comunidade que se situa entre os bairros da cidade que comporão o design urbano do Distrito Criativo de Fortaleza. Torna-se, portanto, necessário identificar os tipos de operações, distinguir as maneiras de fazer e desvendar as criatividades que organizam estas práticas de espaço, enquanto, maneiras de morar e ou de frequentar o bairro e os lugares da cidade (CERTEAU, 1994).

Tendo em vista que o Poço da Draga, foco deste estudo, é caracterizado como uma comunidade resistente (OLIVEIRA, 2018), justifica-se ainda a relevância dessa dissertação para o avanço da discussão da gestão de cidades criativas e dos distritos criativos a partir da perspectiva organizativa. Além disso, a investigação também contribui para o avanço dos estudos sobre a cidade nos estudos organizacionais e para a discussão sobre as políticas públicas do ponto de vista organizativo que envolvem comunidades e a gestão dos distritos criativos.

A seguir serão apresentados os itens do Referencial Teórico, Em seguida se apresentam os Procedimentos Metodológicos da pesquisa, seguidos dos itens das Análises, Discussões e Considerações Finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A abordagem das práticas e o conceito das práticas na cidade segundo De Certeau

Nos últimos anos, o conceito de prática tem retornado e sido amplamente trabalhado nas ciências sociais. A teoria da prática foi primeiramente discutida no final do século XIX e no século XX e ao longo dos anos foi introduzida em contextos da filosofia, teoria cultural, história, sociologia e antropologia (SCHATZKI, 2001). Essa perspectiva fez com que novos questionamentos surgissem para responder problemas relacionados ao dualismo que existe entre a agência e a estrutura, tentando compreender se as ações humanas são influenciadas pela estrutura que se encontram ou se são manifestadas por vontade própria (GIDDENS, 2013).

Entre os principais teóricos destacamos Schatzki (2001) que discutiu no seu estudo “The Practice Turn in Contemporary Theory” as questões relacionadas a esta virada prática (practice turn) nas ciências sociais. As práticas também se tornaram uma teoria promissora para compreender as organizações no contexto das ciências da administração. Alguns autores enfatizaram que a discussão sobre as práticas nas ciências sociais e, em particular, na área da administração e dos estudos organizacionais nos anos 70, se distanciou das teorizações mais abstratas sobre as organizações, reaproximando aos estudos sobre o campo organizacional e focalizando o que as pessoas de fato fazem em seu cotidiano (SANTOS; SILVEIRA, 2015; DE ALMEIDA, 2018; DA SILVA, CARRIERI; JUNQUILHO, 2011; OLIVEIRA; CAVEDON, 2013; IPIRANGA; LOPES, 2016; MACHADO-DA-SILVA; FONSECA, 2005; MARINS; IPIRANGA, 2017; BOAS; ICHIKAWA, 2020; DA SILVA, CARRIERI; JUNQUILHO, 2011).

O conceito de prática é amplo e diversificado. Cooper (1976) coloca que a prática pode ser entendida como uma epistemologia, ou seja, uma forma de captar o mundo. Com essa postura, os cientistas sociais deveriam estar mais atentos ao equilíbrio entre a estrutura e o processo para compreender a atividade humana, pois, “por meio do fluxo e do acaso, os eventos coincidem para criar formas” (COOPER, 1976, p. 2).

Por outro lado, Schatzki (2001) analisa que os diferentes teóricos da prática estão cada vez mais contribuindo para áreas diversas, e devido esta multiplicidade de propostas, a teoria da prática não possui uma abordagem unificada, contudo: “A maioria dos estudiosos que teorizam as práticas, as concebem, no mínimo, como uma variedade de atividades” (SCHATZKI, 2001, p. 11).

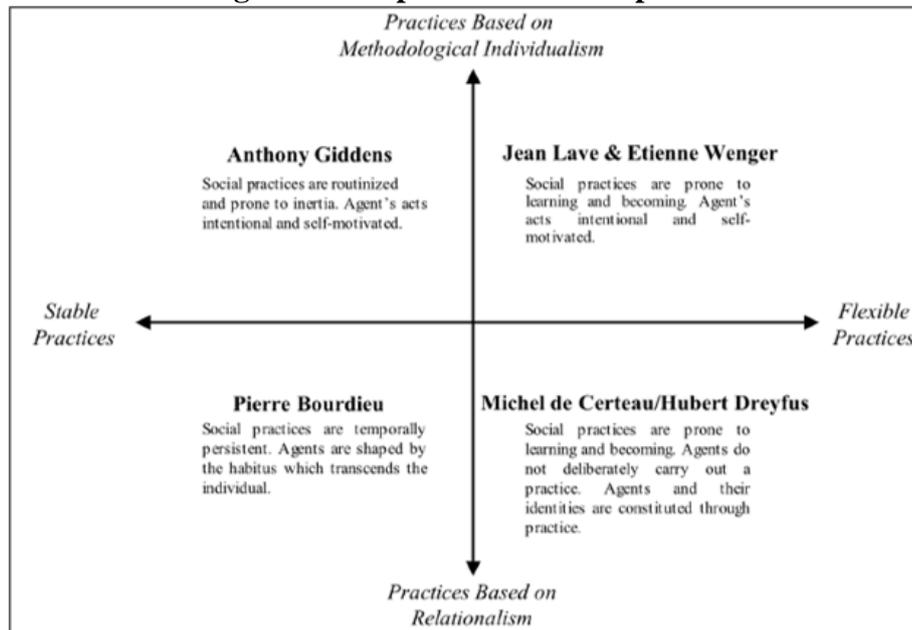
Nesse sentido, o autor concorda que o cerne dessa abordagem está na questão de

que as práticas são “incorporadas e materializadas com a mediação da variedade da atividade humana” (SCHATZKI, 2001, p. 11). As práticas se configuram como uma estrutura no espaço e tempo, além disso, as ações e atividades se organizam por meio das “regras, estrutura afetiva-teleológica e entendimento geral”, sendo assim, “a prática é uma multiplicidade no espaço-temporal de ações organizadas pela evolução em conjunto dessas dimensões” (SCHATZKI, 2006, p. 2).

Com a finalidade de distinguir conceitualmente a “prática” das “práticas”, Reckwitz (2002, p. 7) explica que a “prática” é meramente a ação humana, já as “práticas” são comportamentos interligados que formam atividades corporais e mentais que se baseiam em um know-how previamente estabelecido. Para o autor, a aproximação dos estudiosos para o tema das práticas vem sendo compreendida como uma oportunidade de explorar uma nova teoria para as organizações, onde as ações e atividades humanas são explicadas a partir da reconstrução das estruturas simbólicas por meio das quais os agentes interpretam o mundo (RECKWITZ, 2002).

Gherardi (2009, p. 2) argumentou que as práticas não significam apenas as ações, mas padrões de ações sustentadas, ou seja, as práticas são ao mesmo tempo “uma produção do mundo e o resultado dos processos dessas produções”, contribuindo para um entendimento da ordem social. As práticas se referem a um fazer coletivo, que produzem e articulam conhecimentos, cujos estudos têm como objetivos, compreender como uma atividade situada pode ser escrutinada em sua prática, ou ainda como um processo de reflexão depois que a prática é exercida (GHERARDI, 2018).

Rasche e Chia (2007) apresentam um esquema que analisa esta diversidade teórica das práticas, reunindo as quatro principais dimensões que nos guiam pelos diferentes entendimentos sobre as formas e o como as práticas são produzidas, entre estas: (i) o individualismo metodológico e o (ii) relacionalismo, que estão localizados no eixo vertical. No individualismo, o agente da prática é autônomo e intencional, por outro lado, no relacionalismo, o agente é motivado por elementos que influenciam a sua ação como a memória, a história ou a cultura (RASCHE; CHIA, 2007). No eixo horizontal, encontram-se a (iii) estabilidade e (iv) flexibilidade da prática. No eixo da estabilidade, as práticas se constituem como elementos estáticos no contexto social, entretanto, no eixo flexível, as práticas sofrem mudanças no espaço e no tempo (RASCHE; CHIA, 2007).

Figura 1 - Mapa das teorias da prática

Fonte: Rasche e Chia (2007, p .38)

No que se refere ao quadrante das práticas estáveis baseadas no individualismo, Anthony Giddens define as práticas como tipos regularizados de atos, ou seja, as práticas sociais retratam uma dicotomia, isso significa, a mediação entre a teoria da ação, que explica a ação como um comportamento provocado por um agente em uma situação que eleva a noção de uma intencionalidade consciente, e a análise estrutural, que representa uma influência externa ao indivíduo que o toma como força motivadora do comportamento humano. (RASCHE; CHIA, 2007). Dessa forma, Anthony Giddens caracteriza as práticas sociais como tipos de comportamentos rotineiros de indivíduos ou grupos sujeitos à inércia e os atos do agente são intencionais e automotivados (RASCHE; CHIA, 2007).

A respeito do quadrante das práticas estáveis baseadas no relacionalismo, Pierre Bourdieu demonstra uma visão oposta a Anthony Giddens, o autor contribui para a teoria da prática com a sua ideia sobre o hábito (RASCHE; CHIA, 2007). Para o sociólogo, a ação não se origina na decisão consciente dos agentes, mas sim por seus hábitos que vão além do seu controle, assim dizendo, as relações sócio-históricas motivam as ações humanas (RASCHE; CHIA, 2007). Além disso, “é o hábito inconsciente culturalmente transmitido que explica a consistência e, portanto, a estabilidade da ação humana” (RASCHE; CHIA, 2007, p. 16).

Acerca das práticas flexíveis baseadas no individualismo, Jean Lave e Etienne Wenger focam os estudos nas teorias de aprendizagem modificada (RASCHE; CHIA, 2007). Para os autores, o aprendizado ocorre a partir da participação *in loco* de uma prática sociocultural e o processo de aprendizado não é apenas interno, é sobretudo a participação ativa

em práticas dentro de um contexto pelo indivíduo que age de forma intencional e automotivado (RASCHE; CHIA, 2007).

Entre os autores citados por Rasche e Chia (2007) na Figura 1, o presente estudo priorizará o conceito de práticas, segundo Michel de Certeau. Michel de Certeau faz parte do quadrante de autores que estudam prática na sua forma relacionalista e flexível, sua concepção de práticas sociais como adaptáveis e flexíveis mostram que um evento pode ser uma ação mesmo que o agente não tenha objetivo, plano ou intenção em mente, ou seja, a agência do indivíduo se caracteriza como lidar de forma flexível com os obstáculos e situação em que são confrontados (RASCHE; CHIA, 2007).

A inquietação de Certeau (1994, p. 38) para estudar as práticas cotidianas “foi a princípio precisada negativamente pela necessidade de não localizar a diferença cultural nos grupos que postaram a bandeira da contracultura”. Esses grupos representavam a sociedade em seu comportamento, seja no consumo ou, por exemplo, no uso do espaço urbano (CERTEAU, 1994).

Certeau (1994) ainda ressalta que os sistemas de produção impõem seus produtos aos consumidores. No entanto, algumas ações são designadas aos consumidores nesse processo, ações estas astuciosas e dispersas, mas que ao mesmo tempo se insinua ubiquamente “[...], pois não faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante” (CERTEAU, 1994, p. 39).

Com isso, notamos que a sociedade não se retrai para um sistema que quer impor uma prática que não pertence aos seus consumidores, sendo mais urgente ainda “descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela” (CERTEAU, 1994, p. 41). Certeau (1994) define esses mecanismos que fogem da disciplina como “maneiras de fazer”. De Almeida (2018) também enfatizou estes pontos ao afirmar que os estudos das práticas cotidianas são a demonstração do espaço existente na relação entre as instâncias produtoras, sendo que neste processo, os “consumidores não são dóceis ou passivos em relação aos produtores” (DE ALMEIDA, 2018, p. 36). As maneiras de fazer também podem ser encontradas na maneira de habitar. Por exemplo, um morador por sempre insinua sua “maneira” de morar a um conjunto residencial quando se impõe na situação criando um espaço de jogos para as “maneiras” em que irá utilizar a ordem imposta do lugar, dessa forma, o morador cria pluralidade e criatividade, essas operações de re/emprego “se multiplicam com a extensão dos fenômenos de aculturação, ou seja, com os deslocamentos que substituem maneiras ou ‘métodos’ de transitar pela identificação do lugar” (CERTEAU, 1994, p. 93).

Portanto, as práticas são maneiras de fazer, de falar, de cozinhar e ou por exemplo,

de caminhar na cidade. Estes fazeres são formadas pelo conjunto de práticas onde seus “usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção sociocultural” (CERTEAU, 1994, p. 41). Nessa conjuntura, podemos identificar dois sujeitos existentes nessa relação, primeiramente temos os produtores, que produzem de forma “racionalizada, centralizada, espetacular e barulhenta”, em contrapartida, temos os consumidores, que se qualificam pela sua capacidade de serem astuciosos, de jogarem com as ocasiões, de sua pirataria, clandestinidade e sua invisibilidade, os consumidores se caracterizam principalmente pela sua habilidade “de utilizar aqueles que lhe são impostos” (CERTEAU, 1994, p. 94). A relação entre os consumidores e os dispositivos de produção atuam de forma “subversiva” em relação aos produtores no seu determinado espaço, “elas desenham as astúcias de interesses outros e de desejos que não são nem determinados nem captados pelos sistemas onde se desenvolvem” (CERTEAU, 1994, p. 45). Nesse sentido, as práticas são influenciadas e construídas a partir de diversos elementos provindo de emoções, formas de fazer, objetivos específicos e pensamentos que atuam na reorganização, por exemplo, dos espaços, agindo como intervenções no cotidiano (CERTEAU, 1994).

Nesse jogo de manifestações complementares de práticas, Certeau (1994) nos apresenta duas relações principais. A “estratégia” que pode ser entendida como detendo o seu próprio lugar, e se manifesta como uma entidade de força dominante. Para Certeau (1994) a estratégia é “o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ambiente” (CERTEAU, 1994, p. 46). Para Certeau (1994) uma empresa, um exército, uma cidade, a nacionalidade política, econômica ou científica foram construídas segundo esse modelo. Nesse sentido, a estratégia possui e gere relações de ameaça externa (clientes, concorrentes, inimigos, objetivos e objetos de pesquisa), procura primeiro diferenciar o seu ambiente e seu “próprio” para poder encontrar os poderes invisíveis do “outro” (CERTEAU, 1994). Ao contrário, para Certeau (1997) a “tática” é a arte do fraco, “opera golpe por golpe e lance por lance” (CERTEAU, 1994, p. 100). É um “cálculo que não pode contar com um próprio”, esta age e opera de forma flexível, imprevisível. “A tática só tem por lugar o do outro. [...] depende do tempo, vigiando para ‘captar no voo’ possibilidades de ganho. As táticas jogam com as ocasiões” (CERTEAU, 1994, p. 47).

As táticas são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo – às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre momentos sucessivos de um “golpe”, aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos etc. (CERTEAU, 1994, p. 102).

A tática não possui lugar próprio, é perspicaz, é governada pelos acasos do tempo, ela opera no campo inimigo, precisa de ações rápidas para poder atender às demandas e não possui poder, o poder é guardado e caracterizante da estratégia (CERTEAU, 1994). Nessa relação de poder, a tática, no imprevisto, invade as brechas existentes na estratégia/sistema para identificar as oportunidades que se encontram nesse novo contexto (CERTEAU, 1994). Dessa relação, nasce a resistência, pois ela se apresenta através das diversas estratégias e táticas. A noção da estratégia nesse contexto se aproximou do sentido que Foucault dá ao termo, no entanto, a estratégia tanto está do lado da combinação como da resistência (das táticas), pois toda dominação se estabelece em estratégia de maneira unitária (PEREIRA, 2017).

Os procedimentos dispersados, heteromorfos e locais de poder são reajustados, reforçados, transformados por essas estratégias globais e tudo isso com numerosos fenômenos de inércia, de intervalos, de resistência (FOUCAULT, 2012, p. 249).

Pereira (2017) ainda discute que para Foucault não existe relações de poder sem resistência, pois a resistência não precisa vir de fora para existir, ela é compatriota do poder e são as estratégias o alicerce sob a qual outras formas de resistências podem crescer e persistir caso outras formas de resistências falhem.

Estratégias territoriais são modalidades de práticas sócio-espaciais ou apenas práticas espaciais (SOUZA, 2013) que constituem as ações estratégicas constitutivas do processo de territorialização dos diferentes grupos sociais. Existe uma multiplicidade de práticas sócio-espaciais que constituem o processo de territorialização dos agentes sociais, algumas dessas são estratégicas. Um conjunto mais ou menos coerente ou coordenado de estratégias territoriais constituem o que podemos chamar de “exercício espacial do poder” e/ou da resistência, dentro de uma sociedade ou grupo social, em determinado período de tempo e em determinado espaço. Quando as estratégias territoriais se articulam no exercício espacial do poder/resistência o fazem através de “tecnologias do poder”, com dispositivos estratégicos territoriais (PEREIRA, 2017, p. 12)

Nesse sentido, a discussão entre poder e resistência se dá de forma antagônica, mesmo que seja possível também a existência de estratégias de resistência, ou seja, “a compreensão das ações estratégicas como prática de resistência” (PEREIRA, 2017, p. 13). Foucault (2012, p. 244) discute que sempre há alguma coisa nos grupos, nas classes e nos indivíduos que escapa das relações de poder, “alguma coisa que não é a matéria primeira mais ou menos dócil ou recalcitrante, mas que é o movimento centrífugo, a energia inversa, a escapada”. Pereira (2017, p. 13) afirma que essa alguma coisa é a resistência, pois ela é múltipla, assim como o poder de Foucault ela não opera em um único lugar, mas em lugares múltiplos, assim, “as resistências não são apenas resultado [...] de mudanças nas relações de poder; são as resistências que [...], produzem [...] mudanças nas relações de poder, desde os níveis/escalas da

micropolítica”.

As estratégias e táticas ainda oferecem uma forma de debater uma imposição, portanto, o compreender as “artes de fazer” possibilita observar como elas atuam e o porquê da sua agência, sendo assim, Certeau (1994) propõe refletir sobre o papel do agente não apenas como um ser dominado, pois é esse quem burla a ordem e usa das táticas para se sobrepor (MACHADO; CHROPACZ; BUKGACOV, 2020).

Desse modo, as práticas também são modos de explicar como a vida cotidiana se organiza, elas são conhecidas como “práticas cotidianas” que são formadas por “táticas”, enquanto, “a vitória dos ‘fracos’ sobre o mais ‘forte’, conjunto de ações como “falar, ler, circular, caminhar, fazer compras ou preparar refeições etc.” (CERTEAU, 1994, p. 47). Contudo, as práticas não podem ser individualizadas, elas estão sempre sucedendo dentro das relações entre as estratégias e as táticas, “as práticas não estão presentes num locus, mas elas configuram as articulações, sendo em seus interstícios o espaço de possibilidades de o cotidiano acontecer” (OLIVEIRA; CAVEDON, 2013, p. 87).

2.1.1 O conceito de práticas de espaço de Michel de Certeau

Considerando o objetivo deste trabalho referente ao compreender como ocorre a integração da comunidade do Poço da Draga no organizar do Distrito Criativo da cidade de Fortaleza, focalizamos, em um primeiro momento deste item, alguns conceitos propostos por Certeau (1994) sobre a sua teoria acerca das transformações espaciais. Em um segundo momento se discute sobre as “práticas de espaço” no contexto da cidade.

Certeau (1994) coloca que no século XVI iniciou um processo de transformação do fato urbano em um conceito de cidade, enquanto racionalidade urbanística. Contudo, a identificação da “cidade” com o “conceito” nunca se realizou. A cidade enquanto lugar organizado se estabelece por meio de uma gestão que combina, por um lado, diferenciação e redistribuição das partes funcionais da cidade, e por outro, marginaliza-se aquilo que não é gerido pela administração funcionalista. A organização funcionalista da cidade ao privilegiar o “progresso (o tempo), faz esquecer a sua condição de possibilidade, o próprio espaço, que passa a ser o não pensado de uma tecnologia científica e política. Assim funciona a cidade-conceito” (CERTEAU, 1994, p. 160-161).

Para Certeau (1994, p.162) as cidades, assim como os procedimentos que as organizaram estão se deteriorando. Nesse sentido, o processo de planejamento de uma cidade deve se basear em um pensamento plural, entre poder e articulação que “constituem regulações

cotidianas e criatividades sub-reptícias ocultadas” pelos dispositivos do poder. As maneiras de fazer na cidade se constituem, portanto, enquanto práticas por meio das quais os atores se articulam e se “reapropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção sociocultural.” (CERTEAU, 1994, p. 41). As “práticas de espaço”, ou seja, as maneiras de morar e ou de frequentar um lugar da cidade, revelam formas específicas de operações, organizando uma outra espacialidade (CERTEAU, 1994, p. 49). Nesse sentido, Certeau (1994, p. 159) observa que esses processos ocorrem como por “uma espécie de cegueira”. O autor cita que existe uma cidade metafórica que se insinua além da cidade planejada visível e sugere a detecção dessas práticas em relação ao espaço geográfico de construções visuais.

Nesse sentido, Certeau (1994, p.43) enfatiza que a problemática da pesquisa urbana deve focalizar o contexto da “marginalidade de uma maioria”. O autor orienta escrutinar as micro-operações, esses modos de proceder astuciosos, que surgem e alteram o funcionamento das estruturas tecnocráticas, e que são articulados pela criatividade dispersa e inventiva de grupos de pessoas que habitam as cidades. Torna-se necessário identificar esses tipos de operações, distinguir as maneiras de fazer e desvendar os indicadores de criatividade nestas práticas de apropriação, que são do tipo táticas, ao jogarem com “os acontecimentos para transformar em ocasiões” (CERTEAU, 1994, p. 46).

Estas maneiras de fazer, ao se articularem com os espaços organizados instituídos por meio de uma atividade tenaz e criativa, de ações empreendidas por grupos que não têm um espaço próprio, constituem uma resistência à lei do lugar, pois, se desfazem de uma rede de forças e de legitimações estabelecidas. A captura dessas ocasiões ocorre por meio de “uma arte de golpes, de lances, um prazer em alterar as regras de espaço opressor”. Destreza tática e alegria de uma tecnicidade”, com efeitos imprevistos no organizar do espaço (CERTEAU, 1994, p. 74- 75). As práticas de espaço têm a ver com a articulação dessas táticas cotidianas, atuando como “organizadoras de lugares” (CERTEAU, 1994, p. 183). Esse conjunto de ações táticas que exercitam uma arte de fazer astuciosa terminam por articular uma “politização das práticas cotidianas” na cidade (CERTEAU, 1994, p. 44).

Ao discutir sobre as práticas organizadoras de espaço, Certeau (1994, p. 184) distingue o “lugar”, enquanto ordem, onde impera a lei do próprio, indicando estabilidade. E o “espaço” enquanto um “cruzamento de móveis” que leva em conta vetores de direção, velocidade e tempo: “o espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporaliza”, funcionando entre programas conflituais e proximidades contratuais. Ao contrário do lugar, o espaço não tem a estabilidade de um próprio. Nesse contexto, Certeau (1994, p. 184) afirma que “o espaço é um lugar praticado”, onde o urbanismo

de uma rua é transformado em um espaço pelos pedestres.

Nos espaços urbanos, Certeau (1994) caracterizou os pedestres como caminhantes ordinários, voyeurs e flâneurs, nas ruas da cidade. Com seus corpos, os caminhantes ordinários iluminam suas maneiras de fazer ao escreverem textos urbanos, baseados em relatos moldados pelas trajetórias que alteram, inventam e praticam os espaços da cidade. Esses espaços produzidos pela prática do lugar se constituem por meio de um sistema de signos, antropológicos e existenciais, relatados pelas ações históricas desses atores que habitam a cidade. Para Certeau (1994) esses relatos se constituem em uma forma de “delinquência social” que consiste em se deslocar das margens para os interstícios de códigos de uma sociedade que não mais oferece alternativas ao alinhamento disciplinar e ou ao desvio ilegal, e por meio dos relatos de quem vive na cidade “o espaço surge de novo como um lugar praticado” (CERTEAU, 1994, p. 198).

Conforme anteriormente colocado em 2019 a cidade de Fortaleza recebeu a chancela da Unesco como cidade criativa em design. Um dos projetos contidos no dossiê Unesco Fortaleza Cidade Criativa do Design trata da criação de um Distrito Criativo. O design urbano do distrito criativo envolverá os espaços contíguos entre os bairros da Praia de Iracema e do Centro da cidade de Fortaleza. Entre os limites desses bairros se encontra a comunidade do Poço da Draga, estando lá encravada há 115 anos. Nesse contexto, este estudo se questiona como ocorre a organização da comunidade do Poço da Draga em termos de sua integração no Distrito Criativo da cidade de Fortaleza? Para embasar esta questão e além das discussões sobre o conceito de “prática de espaço” de Michel de Certeau, a seguir será também articulado um item sobre o tema cidade nos estudos organizacionais, iluminando brevemente o conceito de cidade criativa e de design urbano. Após será tecida uma discussão articulando o conceito de bairro da cidade. Essas discussões servirão de base para o atendimento dos objetivos específicos desta pesquisa.

2.2 A cidade nos Estudos Organizacionais

No campo da administração, a cidade como objeto de estudo tem sido ainda pouco trabalhada no que se pôde levantar para esta pesquisa. A discussão, ainda é relativamente nova discussão no campo dos estudos organizacionais. Sendo problematizada além dos aspectos quantitativos e materiais, tomando a cidade nos aspectos que se referem as suas experiências vividas (MAC-ALLISTER, 2004; SARAIVA, 2019).

A cidade é definida como uma organização que é formada por redes

organizacionais, entre coletivos e indivíduos que se encontram e vivem em um tempo e espaço em comum, incorporando continuamente diversos processos (FISCHER, 1996). Além disso, a cidade “revela e esconde, seduz e repele, plena de ambiguidades, sombras e luzes”, guardando ativamente os problemas e crises da sociedade onde se insere (FISCHER, 1997, p. 75). Ainda é única em histórias e identidades, seu uso como objeto de pesquisa pode permear diversos caminhos de discussão, que podem se complementar ou não (FISCHER, 1997).

A cidade, como espaço de interação e hibridismo, constrói e reconstrói no tempo identidades, produz e reflete significados, deslocando a atenção para esses processos (...). Pressupõe-se que compreender o espaço urbano por meio da consideração da sua cultura e dos seus espaços intermediários — ruas, bairros e equipamentos (...) — é uma forma de buscar meios de melhor geri-la (IPIRANGA, 2010, p. 66).

Dessa forma, entende-se a importância de abordar a cidade como objeto de estudos no campo dos estudos organizacionais, pois a cidade tem sido problematizada de maneiras diferentes. Além disso e particularmente nos estudos organizacionais, ela tem sido “problematizada para além dos aspectos materiais, isto é, as políticas públicas, os planos e edificações” (SARAIVA, 2019, p. 47).

Saraiva (2019) realizou um estudo onde apresentou um levantamento bibliográfico que abordaram a cidade nos estudos organizacionais nos anos de 2007 até 2019, apresentando e categorizando as pesquisas nacionais em três temas: “territorialidade”, sociabilidades, simbolismos e de culturas” e “desigualdade social e segregação urbana”. Com o objetivo de ampliar este panorama, eu realizei um levantamento nas principais bases de dados a partir do portal Periódico CAPES. Para tal levantamento, foram utilizados os descritores: “cidade” e “administração”, e com foco nos trabalhos publicados nos anos de 2020 e 2021. Com foco nesta pesquisa, os trabalhos encontrados foram selecionados, mais especificamente, os que se encaixavam no âmbito dos estudos organizacionais. Posteriormente, os itens foram classificados e adaptados a partir dos temas emergentes predefinidos por Saraiva (2019) em dois diferentes Quadros: o Quadro 1 com os temas: “territorialidade”, “cultura”, “sociabilidades e simbolismos” e o Quadro 2 com os temas “desigualdade social e segregação urbana”, os resultados estão apresentados a seguir:

Quadro 1 - Cidades nos estudos organizacionais: "territorialidade", "cultura", "sociabilidades" e "símbolos"

Tema	Autores	Ideia principal
Territorialidade	Carrieri, Saraiva e Pimentel (2008)	Institucionalização da Feira Hippie de Belo Horizonte
	Bretas e Saraiva (2013)	Práticas de controle
	Coimbra e Saraiva (2013)	Organizações não-ortodoxa
	Saraiva, Carrieri e Soares (2014)	Identidade nas organizações
	Callefi e Ichikawa (2021)	Cotidiano Certeuniano
Cultura	Fantinel e Cavedon (2010)	Cultura organizacional
	Ipiranga (2010)	Cultura da cidade
	Teixeira, Carrieri e Peixoto (2015)	Cotidiano da cidade de Belo Horizonte
	Ipiranga e Lopes (2016)	Práticas culturais de espaços urbanos
	Colares e Saraiva (2016a)	Reflexão sobre culturas
	Bezerra e Ipiranga (2021)	História de um organizar artístico
	Muzzio (2021)	Cidades Criativas
Sociabilidades e Simbolismos	Saraiva e Machado (2007)	Bipolaridade simbólica
	Pimentel et al. (2011)	Elaboração de metáforas
	Fantinel e Fischer (2012)	Café como espaço privilegiado
	Saraiva e Carrieri (2012)	Conceito de organização-cidade
	Saraiva e Carrieri (2014)	Narrativas individuais
	Saraiva (2017)	Artefatos culturais

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Saraiva (2018)

No tema da territorialidade, que pode ser entendida como uma “possibilidade dos sujeitos na cidade e suas vivências nos espaços” (SARAIVA, 2019, p. 48), temos Carrieri, Saraiva e Pimentel (2008), que estudaram o processo de institucionalização da Feira Hippie de Belo Horizonte, os resultados mostraram que existia uma influência do poder público na Feira, e que à medida que os atores não definem seu território, dão margem a que mais trabalhos com uma lente simbólica possam ser usadas para estudar os indivíduos dentro dos campos institucionalizados.

Já Bretas e Saraiva (2013) estudaram como os flanelinhas e lavadores de carro da cidade de Belo Horizonte se configuram no contexto da cidade. Revelou-se que os usos das práticas formais de controle para promover a desterritorialização, como bilhetes de estacionamento, silenciam outros problemas urbanos existentes na cidade, por exemplo, a falta de emprego e oportunidade.

Coimbra e Saraiva (2013) analisaram o Movimento Quarteirão do Soul, que se encontra em uma rua do centro de Belo Horizonte. Os resultados sugeriram que um mesmo espaço de uma cidade pode abraçar vários lugares e que a territorialidade é dinâmica e que pode ser considerada como uma construção social. Os autores ainda ressaltam que a cidade existe para além de seus limites físicos.

Por sua vez, Saraiva, Carrieri e Soares (2014) analisaram como se relaciona a territorialidade e a identidade no ambiente organizacional, o estudo foi conduzido no Mercado Central de Belo Horizonte, local de inúmeras práticas e cultura. Observou-se três territórios na

organização: o comércio, a paróquia e o escritório da administração, que entram em atrito, pois existem diferenças e são polarizadas entre si. No entanto, se equilibram, pois precisam sobreviver, fazendo assim parte do jogo.

Trazendo a discussão de territorialidade para os elementos teóricos do cotidiano Certeauiano, Callefi e Ichikawa (2021) estudaram como o cotidiano impacta nas questões de territorialização dos idosos em um asilo no Norte do Paraná. Assim, é revelado que os moradores do asilo se utilizam de táticas e conveniências para se apropriar do espaço que moram.

No segundo tema, de cultura, Fantinel e Cavedon (2010) estudaram os aspectos da cultura organizacional de um restaurante, conhecido como Chalé da Praça XV, na cidade de Porto Alegre. Foram identificadas homogeneidades heterogeneidades na cultura organizacional do restaurante, que são representadas por seus clientes e funcionários, e sugerem algumas alternativas para ajudar na gestão do restaurante.

Com o objetivo de descrever os significados culturais atribuídos aos espaços intermediários, como bares e restaurantes de três bairros da cidade de Fortaleza, Ipiranga (2010) faz uma reflexão sobre a gama de sensações e práticas sociais da cidade. É encontrado na análise tempos simultâneos e espaços diferenciados de uma “cidade dividida em duas, rica em simbolismos e interação, fragmentada e solitária, incapaz de compartilhar os códigos culturais, o que sugere desafios à sua gestão” (IPIRANGA, 2010, p.66).

Em outro momento, carregando uma visão do olhar estético, Ipiranga e Lopes (2016), faz uma discussão sobre o organizar das práticas em espaços urbanos. A autora discute aspectos como cultura, história, estranheza, sociabilidades e outras formas de operações segundo o autor Michel de Certeau. Por fim, sugere pressupostos e procedimentos metodológicos que poderão ser usados em outras pesquisas no contexto do organizar da estética espacial nas cidades. Buscando explicar como teorizar sobre cultura pode gerar generalização, Colares e Saraiva (2016a) tem como objetivo no trabalho analisar o material de mídias com a intenção de descobrir como a representação social de cultura é construída, a partir do Circuito Cultural Praça da Liberdade e do Espaço Comum Luiz Estrela, em Belo Horizonte – MG. Os autores percebem que existe uma visão de que o espaço da Praça da Liberdade é um local nobre, enquanto outros espaços culturais são marginalizados.

O trabalho de Teixeira, Carrieri e Peixoto (2015) contribuiu com reflexões sobre o registro do cotidiano da cidade com a ajuda das reportagens da capa da revista Veja BG da cidade de Belo Horizonte. Os resultados mostraram que o cotidiano, formas de lazer, práticas culturais e gastronômicas que é evidenciado e retratado na mídia é o da classe média alta da cidade de Belo Horizonte. Isso evidencia que a cidade serve para atender ideologicamente aos

interesses do homem branco e prender as mulheres na imagem pertencente ao lar.

Utilizando a abordagem da *ANTI-History*, Bezerra e Ipiranga (2020) estudaram o organizar do Salão de Abril por perspectivas históricas no tempo e no espaço. As autoras discutem o caráter político da organização enquanto eles apresentam alternativas versões do passado, principalmente, na sua relação com a cidade e a atuação de mecanismos de políticas públicas. Por fim, abordando o assunto sobre Cidades Criativas, Muzzio (2021) teve como objetivo na pesquisa fotografar e ilustrar duas experiências de cidades criativas que foram chanceladas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) no Nordeste brasileiro e descrever perspectivas e potencialidades. O trabalho ainda analisa as experiências dos municípios que receberam o selo de cidade criativa.

Adentrando no terceiro tema, de Sociabilidades e Simbolismos, Saraiva e Carrieri (2012) contribuíram para o aprofundamento do conceito de “organização-cidade” para os estudos organizacionais a partir do que se propôs por Mac-Allister (2004) e Fischer (1996, 1997). Os resultados mostraram que a cidade é mais do que um espaço delimitado em que uma dada população reside. Ela é o seu próprio povo, reforçando o argumento da cultura como metáfora. Nesse sentido e segundo os autores as representações sociais do povo sobre si próprio são indicadores da cidade. Assim, um povo com mais autoestima, e que se enxerga de maneira positiva, tende a querer melhores condições de vida, o que se reflete em sua organização-cidade e em sua dinâmica.

Seguindo uma proposta de materialidade histórica (SARAIVA, 2019), no estudo de Pimentel et al. (2011), os autores exploraram a elaboração de metáforas em relação a identidade dos espaços na cidade de em Congonhas em Minas gerais, para isso, os autores realizaram entrevistas em um evento religioso, e conseguiram três grupos de metáforas relacionadas a três espaços diferentes. Observou-se que as metáforas criadas seguiam uma trajetória no espaço-tempo das mudanças institucionais.

Fantinel e Fischer (2012) querem demonstrar que as organizações de café são espaços privilegiados para a sociabilidade urbana, e que passaram por diversas ressignificações ao longo da história. É discutido como os cafés estão atrelados ao contexto urbano, pois são dotados de diferentes tipos de interação e socialização.

Saraiva e Machado (2007) discutem uma bipolaridade simbólica, quando estudam a existência de duas matrizes simbólicas no Museu Histórico Abílio Barreto, em Belo Horizonte. Como resultado, os autores discutem que as duas matrizes possuem símbolos que são peculiares para cada uma no contexto organizacional.

Já Saraiva (2017) estuda por meio de procedimentos semissimbólicos os artefatos

culturais no contexto urbano relativo a Carlos Drummond de Andrade, na cidade de Itabira, em Minas Gerais. Os autores utilizam fotografias para analisar como a proximidade da cidade com a figura de Carlos Drummond de Andrade está presente em diversos locais da cidade, apesar da sua poesia não ser muito conhecida por parte da população. Percebe-se então duas forças, uma querendo impor a imagem do poeta aos usuários, e os nativos rejeitando a imagem do poeta por não conhecerem a sua importância. Por fim, Saraiva e Carrieri (2014) discutem como em Itabira, em Minas Gerais, o fim da atividade de mineração é um contexto real e em como as pessoas buscam alternativas nesse contexto, uma delas é a cultura por meio da exploração da figura de Carlos Drummond de Andrade como símbolo. Com o objetivo de examinar uma narrativa individuais, os autores entrevistaram um operário e sua trajetória de minerador para poeta, e contribuem em dois pontos: o primeiro, diz a respeito da vocação dos moradores da cidade, pois a atividade de mineração é antiga, e o segundo, é politizar a ideia da cidade e o que o seu povo é. No quadro 2, se apresentam os temas: “desigualdade social e segregação urbana”.

Quadro 2 - Cidades nos estudos organizacionais: "desigualdade social e segregação urbana"

Tema	Autores	Ideia Principal
Desigualdade Social e segregação urbana	Medeiros, Valadão e Ferreira (2008)	Segregação dos espaços urbanos
	Carrieri, Saraiva e Pimentel (2008)	Estratégia como prática
	Carrieri, Maranhão e Murta (2009)	Atividade do camelô
	Rodrigues e Ichikawa (2015)	O cotidiano do catador de material reciclável
	Mendes e Cavedon (2012)	Atividade do camelô
	Perdigão, Carrieri e Saraiva (2014)	Empreendedorismo informal
	Coimbra e Saraiva (2014)	Estratégias subversivas
	Nascimento et al. (2015)	A questão racial nos shoppings
	Nascimento et al. (2016)	Práticas de resistências
	Honorato e Saraiva (2016)	Análise organizacional
	Colares e Saraiva (2016b)	Posição dos idosos no capitalismo
	Honorato, Saraiva e Silva (2017)	Subversão dos discursos
	Silva e Saraiva (2019)	Espaço produzido por um movimento social
Viegas e Saraiva (2015)	Pichação na cidade de Belo Horizonte	

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Saraiva (2018)

No tema desigualdade social e segregação urbana, encontramos diversos artigos que tratam problemas específicos da sociedade na cidade. Medeiros, Valadão Junior e Ferreira (2008) se propuseram a entender as expectativas e qualidade de vida dos moradores de um condomínio horizontal fechado, analisando como as pessoas criam um universo próprio que está longe da real cidade. Os autores chegaram à conclusão de que a segregação do espaço não é recente, ela sempre existiu, e o domínio do espaço sempre foi utilizado como força para

segregar classes sociais.

Outro trabalho que nos mostra a segregação nos espaços urbanos é o de Coimbra e Saraiva (2014), os autores nos apresentam o espaço do Quarteirão do Soul em Belo Horizonte e como os seus integrantes ressignificam os sentidos da produção e da distribuição espacial da cidade. Os resultados mostraram que o movimento social é marcado pela ressignificação do tempo e do espaço, pois eles reafirmam sua vivência na dinâmica da cidade.

Estudando o cotidiano da cidade sob a ótica do homem ordinário de Michel de Certeau, Rodrigues e Ichikawa (2015) focalizaram como objeto de estudo o catador de material reciclável. Alguns dos achados e problematizações feitas pelos autores indicam que trabalhar na rua não é uma escolha intencional, que o homem ordinário se apropria da sociedade e subverte seu sentido original e que o catador sofre sob o olhar discriminatório da sociedade.

Outra prática marginalizada estudada foi a atividade dos camelôs, Mendes e Cavedon (2012) explanaram as condições precárias de trabalho dos camelôs, e ainda explicaram que a atividade existe pela incapacidade de absorção de mão-de-obra pelo mercado formal. Nesse sentido, Carrieri, Maranhão e Murta (2009) continuaram os estudos, analisando a transferência dos camelôs das ruas para os shoppings, cometendo assim um ato de higienização das ruas da cidade de Belo Horizonte.

Também no mesmo objeto de estudo, Perdigão, Carrieri e Saraiva (2014), estudam os camelôs na perspectiva do empreendedorismo informal e como ele é retratado no discurso oficial da Prefeitura de Belo Horizonte quando foram removidos da rua para os shoppings. Os autores concluíram que os camelôs tiveram que assumir novas responsabilidades depois da mudança em relação à atividade empreendedora em um novo contexto. Carrieri et al (2008) analisam a feira hippie de Belo Horizonte e discutem a estratégia na perspectiva de seus autores, pois existem conflitos entre as práticas cotidianas de sobrevivência existentes na feira. Os autores mostram que os indivíduos precisam reconstruir suas estratégias que emergem nessa organização.

Trabalhando com a questão racial, Nascimento (2015) analisou os discursos sobre o perfil de usuários dos *shoppings* na cidade de Belo Horizonte. São evidenciados nesses discursos as relações raciais segregação socioespacial no contexto organizacional, percebe-se durante a pesquisa como a questão da cor define quem pode andar pelos espaços. Com isso, Nascimento (2016) discute a questão dos “rolezinhos” nos shoppings, o autor pretendeu compreender como se comporta os discursos da mídia em relação a resistência dos jovens nesses espaços organizacionais. Colares e Saraiva (2016b) exploram a discussão sobre a marginalização do idoso no contexto da sociedade capitalista, pois o idoso possui limitações

físicas que não são vistos de forma positiva para o trabalho e o capital. Os autores procuraram investigar o que é “ser idoso” por meio de entrevistas na cidade de Belo Horizonte com frequentadores de uma Praça. Os autores concluíram que a maioria dos idosos são vistos como velhos e incapazes de participarem do mercado de trabalho, além disso, descobriram que muitas vezes o dinheiro da aposentadoria não era suficiente.

Em um estudo sobre a população de rua, Honorato e Saraiva (2016), analisam a situação dessas pessoas a partir dos seus conhecimentos sobre organizações. Os autores discutem como a cidade-modelo é subordinada a interesses econômicos e precisa ser “limpa” para servir ao seu propósito. Ainda sugerem mais estudos nesse contexto, pois a vida social urbana é cheia de conflitos múltiplos que navegam entre a ordem e subversão.

Na mesma linha de estudo, Honorato, Saraiva e Silva (2017) procuram estudar os discursos da população em situação de rua na cidade de Belo Horizonte. Os autores criticam como a sociedade trata a situação dessas pessoas de forma “normal” e ainda afirmam que a subversão política é importante para que uma transformação social aconteça. Viegas e Saraiva (2015) analisam os discursos das práticas organizativas relacionadas à pichação na cidade de Belo Horizonte. Os principais achados revelam que o governo tem um posicionamento de combate à pichação, também impõem modos de fazer e estratégias para combater esse “mal”. Os autores também completam que a gestão pública é ressignificada pelos distintos atores sociais que confrontam os programas da prefeitura.

Por fim, Silva e Saraiva (2019) discutem os discursos que estão relacionados aos projetos de requalificação das cidades, além de buscarem as estratégias que legitimam o processo de reprodução do espaço urbano problematizando a revitalização da área portuária da cidade do Rio de Janeiro. Os autores encontraram discursos e ideias de que com a recuperação do espaço urbano da área portuária existiria mais possibilidade de comercialização do espaço.

Mais recentemente foram publicadas diferentes coletâneas que reuniram trabalhos sobre o tema da cidade no contexto dos estudos organizacionais, entre estas, citamos o trabalho de Saraiva e Ipiranga (2020) que discutiu entre os seus capítulos diferentes questões relacionadas ao conceito de “organização-cidade” proposto, inicialmente, por Saraiva e Carrieri (2012) e que será utilizado como base de discussão neste presente estudo. Considerando os objetivos da presente pesquisa, foram ainda priorizados os estudos que articulam os conceitos de Michel de Certeau no contexto da organização-cidade, questões estas que serão discutidas a seguir a partir do conceito de práticas de espaço.

2.2.1 A cidade criativa e o design da cidade

O conceito de cidades criativas é amplo e abrangente, pois estamos falando da criação de cidades voltada para os habitantes e os visitantes, de forma que todos estejam envolvidos no processo, sejam eles os moradores, o poder público e o privado (SCARPATO; ASHTON; SCHREIBER, 2021). Para entendê-lo melhor é preciso saber que no auge da era industrial, todas as atividades econômicas eram aglutinadas nos núcleos dos centros urbanos e depois da era pós-industrial ocorreu a descentralização das atividades acarretando desemprego e baixas oportunidades socioeconômicas, fazendo com que as áreas que posteriormente exalavam vida e economia fossem abandonadas (REIS, 2012; SCARPATO; ASHTON; SCHREIBER, 2021).

Devido a essas mudanças organizacionais onde as cidades eram submetidas, novas formas de produção, consumo e relações sociais surgiram. Contudo, e em virtude da preocupação com o uso sustentável dos recursos naturais, a preocupação com o impacto ambiental, a valorização do conhecimento, a atenção com a diversidade cultural e étnica dos povos delineou um novo modo de viver, sobretudo nos contextos das cidades, que exigia que outros modelos de organização urbana fossem planejados (REIS, 2011; SILVA, 2013; ASHTON, 2018). Nesse contexto, evidenciou-se um declínio da indústria típica da era industrial, onde a criatividade surge como uma alternativa para que as cidades tenham a capacidade de se reinventar. Esses processos urbanos envolveram fatores relacionados tanto ao contexto econômico e social, como político e cultural, sendo indicativos utilizados para orientarem o desenvolvimento e a organização relacionados aos recursos básicos e prioritários para medir as novas indústrias, entre estas as criativas, no contexto de uma “economia criativa” nas cidades (REIS, 2011; SILVA, 2013).

Especificamente no Brasil, a discussão acerca da “economia criativa” primeiramente tomou forma em 2004 a partir de um encontro da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD XI) onde foi defendido o fato que a cultura e economia estavam se aproximando (REIS, 2011). Atualmente, um dos conceitos mais utilizado por autores para descrever a economia criativa é o de John Howkins, primeiramente apresentado em seu livro “The Creative Economy: How People Make Money From Ideas”, publicado em 2001 (REIS, 2011). Para Howkins (2002) a economia criativa inclui processos, ideias e empreendimentos que utilizam a criatividade no processo de criação de um produto.

As primeiras discussões sobre a “cidade criativa” surgiram a partir da década de 90, sendo a “criatividade” considerada como catalisadora e disseminadora da “economia criativa”

por dois motivos: fragmentação das cadeias produtivas de bens e serviços criativos em escala global e ampliação do mercado e mobilidade, disputa e recompensa dos recursos criativos no panorama mundial (REIS, 2011). Também se discutia os termos sobre “cultura e artes” nesse contexto, a comunidade artística queria provar o valor econômico de produtos e demonstrar que como a criatividade poderia ser utilizada para desenvolver cidades. Essas mudanças econômicas, sociais e culturais “fizeram com que a competitividade, que antes era baseada na produção e no capital financeiro, aos poucos passasse a também iluminar as atividades intensivas em conhecimento e criatividade” (WITTMANN, 2019, p. 8).

O conceito de “cidades criativas” surgiu, portanto, a partir do conceito de “economia criativa”, e alguns fatores foram importantes para que este conceito fosse construído (REIS, 2011). Em um primeiro momento, é destacado a procura por um modelo de organização urbana que consiga suprir a transição do industrial para o conhecimento, entende-se que cada vez mais a inovação de processos, produtos, social e cultural seja importante para a competitividade econômica, e quão mais as pessoas conseguem ser criativas na hora de realizar seus trabalhos mais felizes elas serão e mais latente será a economia do local. Além disso, também podemos destacar a valorização do que é diferente provinda da desenfreada globalização, além da dispersão das tecnologias de informação que ajudam a organização de redes e a valorização de ativos culturais das cidades (REIS, 2011).

As discussões sobre a “cidade criativa” definem uma forma de organização que pudesse ajudar a economia e a saúde de uma cidade de forma mais adequada das que já existiam com a criatividade sendo vista de modo transversal à economia, abrangendo todas as partes e dimensões existentes nas cidades (REIS, 2011). Por exemplo, Reis e Kageyama (2011) perceberam que a maioria dos autores que trabalham sobre a cidade enfatiza uma "aura sensorial, sinestésica" e que as descrições sobre a cidade criativa estão interligadas por cores, sons, luzes, sentimentos e energias sobre algo que sempre está acontecendo e que sempre está em movimento, nas palavras dos autores:

Uma cidade criativa está em permanente estado de mudança. Se todo ato de criação também é um de destruição (parafreando uma longa lista de referências, de Picasso a Schumpeter), é essencial para a cidade criativa “cultivar a capacidade de gerenciar uma situação de mudança” (Lin), gerar “respostas dinâmicas e diversas” (Melguizo), mas deve ser dada ênfase a como ela “responde à miríade de problemas que enfrenta – de transporte a habitação, de ambiente a saúde” (Joffe) (REIS; KAGEYAMA, 2011, p. 24).

Landry e Bianchini (1995) viam a cidade como ser vivo que vive em um ciclo, desde seu crescimento até o seu declínio, e a vida urbana possui capacidade de se adaptar nesse

processo, tanto na sua dimensão econômica, cultural, social e ambiental. Portanto, os espaços urbanos têm como característica serem áreas que favorecem o desenvolvimento de estratégias, políticas e iniciativas que tornam a cultura e criatividade uma força significativa para o desenvolvimento e organização urbana. Esta abordagem pressupõe que as cidades conseguem superar seus desafios utilizando sua cultura e criatividade para os problemas que se referem a crise econômica, os impactos ambientais, crescimento populacional, problemas políticos e tensões sociais (UNESCO, 2021). Todo esse potencial serve como um ímã para a cidade, pois a cidade criativa desloca a atenção para seus diferentes talentos e potenciais de criatividade (REIS; KAGEYAMA, 2011). A seguir na figura 2, resume-se algumas definições sobre o tema e da “cidade criativa” (REIS, 2011).

Figura 2 - Definições sobre a cidade criativa

AUTOR (FORMAÇÃO)	ORIGEM OU PAÍS DE ATUAÇÃO	DEFINIÇÃO	AUTOR (FORMAÇÃO)	ORIGEM OU PAÍS DE ATUAÇÃO	DEFINIÇÃO
Charles Landry (Arquitetura)	Inglês	Um lugar que estimula e incorpora uma cultura de criatividade no modo como os stakeholders urbanos atuam.	Jaime Lerner (Arquitetura)	Brasileiro	Cidade que tem um sonho coletivo passível de ser traduzido em qualidade de vida (sustentabilidade, mobilidade, solidariedade).
Richard Florida (Economia)	Estadunidense	Cidades nas quais há prevalência de classe criativa.	Jordi Pardo (Antropologia)	Espanhol	Área urbana voltada à inovação e à cultura. Um ambiente social com cultura aberta ao risco e à cooperação estratégica de agentes econômicos, sociais e culturais, no qual a comunicação de novas ideias franqueia o desenvolvimento e a mutação de novos produtos e serviços.
David Throsby (Economia)	Australiano	Cidades nas quais as atividades culturais fomentam um ambiente urbano economicamente próspero e agradável para a moradia.			
John Howkins (Jornalismo)	Inglês	Cidades nas quais as pessoas se sentem à vontade para explorar ideias por meio de aprendizado e adaptação e nas quais mudanças são corriqueiras.			
Neil Bradford (Ciências Políticas)	Canadense	Locais de experimentação e inovação, nos quais ideias florescem e pessoas de todas as formações se unem para fazer de suas comunidades lugares melhores para viver, trabalhar e se divertir.			

Fonte: adaptado de Reis (2011)

Para Reis (2011) a cidade pode ser transformada pela sua criatividade e para que esse processo se conclua, existem algumas fases e estágios de latência, onde a criatividade é dispersa. Neste primeiro estágio a criatividade se manifesta de forma orgânica e os espaços em que ela existe são invisíveis e desconectados pois tem pontos de partidas isolados, não possui conexão, e não existe um tipo de liderança para as unir. No segundo estágio, a criatividade é estimulada por um fator externo e os habitantes começam a se tornar visíveis, seja por organizações da sociedade civil ou por políticas governamentais, além disso, nessa fase os

espaços começam a se interligarem, promovendo deslocamentos entre eles. Na terceira fase, existe a consolidação da cidade criativa.

A criatividade, difusa e ubíqua em toda a cidade, seria permanentemente fomentada por uma governança compartilhada entre os agentes da cidade (público, privado, academia, sociedade civil), tornando-se algo incutido na trama urbana e alheio às reviravoltas políticas ou crises econômicas. Os mapas geográficos, mental e emocional da cidade, são agora relativamente sobrepostos (em virtude especialmente da escala urbana, o que é alimentado pela existência de espaços públicos apropriados pela população, que por sua vez os entendem como espaços de todos. Os distritos da cidade e seus vários pontos de referência conectam-se em rede, favorecendo a fluidez dos fluxos de pessoas, ideias e serviços, entre todas as áreas físicas e de atuação (REIS, 2011, p. 56).

Para a UNESCO é no nível local que a criatividade é vivida e praticada pelos habitantes de uma cidade, “a cidade criativa estimula talentos criativos diversos e viabiliza que os mesmos gerem negócios” (WITTMANN, 2019, p. 4). À vista disso, é preciso estimular o desenvolvimento urbano se adequando às necessidades da população local a partir das suas iniciativas econômicas, artísticas e culturais, amparando a criação e a participação cidadã e cultural, além disso, a cooperação entre setor público, privado e a sociedade civil é imprescindível para fazer a diferença nesse processo de desenvolvimento (UNESCO, 2021).

Com este foco no ano de 2004 a UNESCO criou o projeto Rede de Cidades Criativas da UNESCO (UCCN), objetivando promover a cooperação entre as cidades que identificaram a criatividade e a inovação como os principais fatores para o desenvolvimento urbano inclusivo. Entre estas iniciativas foi recomendado o compartilhamento de experiências, conhecimentos e melhores práticas para organizar processos cooperativos, encorajando as cidades membros do projeto a construir políticas locais que tenham em vista o desenvolvimento sustentável econômico, social, cultural e ambiental (UNESCO, 2021). Neste projeto da UCCN da UNESCO se encontram sete tipos de campos criativos, entre estes: literatura, filme, música, mídias artísticas, gastronomia, artesanato e arte folclórica e do design. É notável que dentre todos os objetivos citados acima, a cultura possui certo destaque e se relaciona com todos os campos criativos abordados pela UNESCO. Nesse contexto, as cidades identificam seus diversos agentes culturais que participam do organizar de iniciativas criativas alimentando e promovendo um empreendedorismo criativo (ASHTNON et al, 2016).

Atualmente e de acordo com o projeto da UCCN da UNESCO existem 30 cidades chanceladas e incluídas neste campo criativo do design, são elas: Singapura, Istambul, Cidade do México, Buenos Aires, Torino, São José, Torino, Cebu, Montreal, Bangkok, Seoul, Querétaro, Puebla, Helsinki, Geelong, Dubai, Wuhan, Dundee, Beijing, Nagoya, Kolding,

Bandung, Kobe, Cidade do Capo, Graz, Kortrijk, Asahikawa, Hanoi. No Brasil nós temos Brasília que recebeu a chancela de cidade criativa do design em 2017 e a cidade de Fortaleza, contexto desse estudo, com chancela concedida em 2019.

O livro "Imagem da Cidade" publicado em 1960 pelo urbanista e escritor Kevin Lynch articula algumas ideias sobre práticas de design urbano. As ideias de Lynch sobre o design urbano revolucionaram a forma em que olhamos para a cidade ao propor uma crítica sobre a forma em que a cidade era estudada na época pelos seus colegas urbanistas, que enxergavam a cidade com uma visão mais racionalista de cunho funcionalista. Hiernaux (2007) também criticou essa posição em seu artigo, argumentando que o movimento racionalista impediu que os pensamentos sobre o imaginário da vida cotidiana fossem vistos como algo positivo. Além disso, Lynch (2011) também foi pioneiro em entender que a cidade existe para quem ela é construída, convocando a participação dos seus habitantes para avaliar suas percepções da cidade. Southworth (1985) ponderou que Kevin Lynch abriu e preparou o campo de estudo para que futuras pesquisas sobre design urbano pudessem se desenvolver fora do escopo dos estudos racionalistas funcionalistas.

Segundo Lynch (2011) a imagem da cidade trata principalmente da fisionomia das cidades e das suas paisagens urbanas. Para o autor a cidade é "invertida, interrompida, abandonada e atravessada" a todo momento pelos seus habitantes, é repleta de significados, momentos e lembranças que são vividas e construídas a partir de cada cidadão e a imagem é a junção de todos os sentidos que estão em operação ao vivenciar a cidade (LYNCH, 2011, p. 1). Sendo assim, a visão do *designer* proposta por Lynch (2011) para a cidade é a de organizá-la considerando os pontos mais marcantes para os seus habitantes. O autor enfatiza que a questão da participação urbana seja consistente para o aperfeiçoamento da imagem da cidade e que a sua organização seja determinada pelo olhar do habitante que vive e reside na cidade. Esse olhar e o ato de caminhar reforça e evidencia questões problemáticas advindas das experiências vividas pelos habitantes na cidade, tornando-se contribuições valiosas para os *designers*, "uma arte do design urbano terá de ser o resultado do surgimento de um público informado e crítico" (LYNCH, 2011, p. 131).

Complementando essas questões sobre práticas de design urbano, esta pesquisa também propõe articular as discussões sobre os bairros da cidade. Para Lynch (2011) o bairro é um dos espaços constituintes da imagem da cidade, sendo reconhecido e usado como referência sempre quando o usuário transpassa esse espaço. Igualmente para Certeau (2009) o bairro se baseia em algumas características, sendo um lugar de passagem por qualquer usuário,

que reconhece o espaço por sua “relativa estabilidade” (CERTEAU, 2009, p. 43). A seguir as colocações conceituais desses dois autores sobre os bairros da cidade serão articuladas.

2.2.2 O bairro da cidade para Kevin Lynch e Michel de Certeau

Além do que já colocado sobre a dimensão do bairro no item anterior, para Lynch (2011) os bairros são áreas consideradas médias e grandes, onde o observador pode penetrar mentalmente, são “concebidos como dotados de extensão bidimensional” e possuem características parecidas (LYNCH, 2011, p. 52). Para o autor os limites dos bairros servem para definir e dar identidade a estes espaços e regiões, no entanto, esses limites podem ser maléficos quando se dirigem para fragmentar a imagem desses espaços urbanos, “não é incomum o tipo de bairro com um núcleo forte e cercado por um gradiente temático que vai desaparecendo aos poucos” (LYNCH, 2011, p. 78). Por outro lado, os bairros possuem características físicas parecidas que o definem e os confere identidade, como: nomes, textura, tipo de construção, estados de conservação, topografia, forma, detalhes, símbolo, espaço, usos, atividades e habitantes (LYNCH, 2011).

A noção de bairro para Certeau (2009) é decisivamente moldada pela maneira que as táticas se organizam por meio das práticas culturais exercidas pelos usuários, como por exemplo, sair de casa e caminhar pela rua. Dessa forma, a organização da vida cotidiana se articula de duas formas: os comportamentos e os benefícios simbólicos que se esperam obter pela maneira de se proceder no espaço do bairro. Os comportamentos se referem aos códigos de cortesia dos usuários, como as saudações, a maneira de pedir notícia e o modo que se evita ou ao contrário se valoriza o espaço público (CERTEAU, 2009). Já os benefícios simbólicos que se espera obter pela maneira de se proceder no espaço do bairro se relaciona com o grau do bom comportamento perante os outros usuários, “aparecem de maneira parcial, fragmentada, no modo como caminha, ou, de maneira mais geral, através do modo como ‘consome’ o espaço público” (CERTEAU, 2009, p. 39).

Nesse contexto da vida cotidiana, o bairro se configura como um espaço onde a vida social acontece e é praticada, onde os usuários precisam conviver e coexistir uns com os outros já que estão essencialmente ligados pelo espaço urbano em que moram, “o bairro aparece assim como o lugar onde se manifesta um ‘engajamento’ social” (CERTEAU, 2009, p. 39). O bairro então é um “domínio do ambiente social”, pois nele o usuário reconhece o espaço urbano no qual vive e que precisa estabelecer relações de proximidade e coexistência com sua

vizinhança (CERTEAU, 2009, p. 40).

Ora, o bairro é, quase por definição, um domínio do ambiente social, pois ele constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido. Pode-se, portanto, apreender o bairro como esta porção do espaço público em geral (anônimo, de todo o mundo) em que se insinua pouco a pouco um espaço privado particularizado pelo fato do uso quase cotidiano desse espaço (CERTEAU, 2009, p. 40).

O bairro que surge a partir das caminhadas é um domínio próprio onde o espaço/tempo existe, ainda é um pedaço da cidade onde existe um limite que difere o espaço privado do espaço público, onde o usuário precisa reconhecer os símbolos e códigos ao seu redor para assimilar sua vivência nesse espaço, criando ao tempo das caminhadas o itinerário que lhe é mais confortável e impondo seu saber para se apropriar do espaço urbano (CERTEAU, 2009).

O bairro é uma porta de entrada e de saída entre espaços qualificados e o espaço quantificado. O bairro surge como o domínio onde a relação espaço/tempo é a mais favorável para um usuário que deseja deslocar-se por ele a pé saindo de sua casa. Por conseguinte, é o pedaço de cidade atravessado por um limite distinguindo o espaço privado do espaço público: é o que resulta de uma caminhada, da sucessão de passos numa calçada, pouco a pouco significada pelo seu vínculo orgânico com a residência” (CERTEAU, 2009, p. 41).

Nesse sentido e para Certeau (2009, p. 42) “o bairro constitui o termo médio de uma dialética existencial entre o dentro e o fora”, uma vez que existe um espaço mais íntimo que se configura o privado e o espaço desconhecido que se refere ao mundo e a cidade. Nesse sentido, o espaço de dentro acaba ligando-se e entendendo-se para o de fora, sendo considerado como uma “privatização progressiva do espaço público” (CERTEAU, 2009, p. 42). Assim, entre o dentro e o fora existem limites, sejam concretos como paredes e portas ou abstratos como formas de controle, e ou de se poder fazer o que quiser no espaço privado. No entanto, esses limites não só separam, mas também unem o espaço de fora com o de dentro, “são sempre interdependentes um do outro, porque, no bairro, um não tem nenhuma significação sem o outro” (CERTEAU, 2009, p. 43). Na figura 4 se encontram as sínteses aqui propostas das definições de bairro para Kevin Lynch e Michel de Certeau.

Figura 3 - O que é bairro para Lynch (2011) e para Certeau (2009)

Para Lynch (2011)

1. Para Lynch (2011) os bairros são áreas consideradas médias e grandes, onde o observador pode penetrar mentalmente, são “concebidos como dotados de extensão bidimensional” e possuem características parecidas (LYNCH, 2011, p. 52);
2. Para o autor os limites dos bairros servem para definir e dar identidade a estes espaços e regiões, no entanto, esses limites podem ser maléficos quando se dirigem para fragmentar a imagem desses espaços urbanos, “não é incomum o tipo de bairro com um núcleo forte e cercado por um gradiente temático que vai desaparecendo aos poucos” (LYNCH, 2011, p. 78);
3. Por outro lado, os bairros possuem características físicas parecidas que o definem e os confere identidade, como: nomes, textura, tipo de construção, estados de conservação, topografia, forma, detalhes, símbolo, espaço, usos, atividades e habitantes (LYNCH, 2011).

Para Certeau (2009)

1. A noção de bairro para Certeau (2009) é decisivamente moldada pela maneira que as táticas se organizam por meio das práticas culturais exercidas pelos usuários (sair de casa e andar pela rua, por exemplo).
2. Nesse contexto da vida cotidiana, o bairro se configura como um espaço onde a vida social acontece e é praticada, onde os usuários precisam conviver e coexistir uns com os outros já que estão essencialmente ligados pelo espaço urbano em que moram, “o bairro aparece assim como o lugar onde se manifesta um ‘engajamento’ social” (CERTEAU, 2009, p. 39).
3. O bairro que surge a partir das caminhadas é um domínio próprio onde o espaço/tempo existe, ainda é um pedaço da cidade onde existe um limite que difere o espaço privado do espaço público, usuário precisa reconhecer os símbolos e códigos ao seu redor para assimilar sua vivência nesse espaço, ele cria ao tempo todo nas suas caminhadas o itinerário que lhe é mais confortável e impõe seu saber para se apropriar do espaço urbano (CERTEAU, 2009).

Fonte: elaborado pela autora

A seguir se apresentam os procedimentos metodológicos desta pesquisa de dissertação.

3 METODOLOGIA

Certeau (1994) sugere que as formas de distinguir as maneiras de fazer, os modos de operação, de se pensar sobre os estilos de ação e de teorizar sobre as práticas, uma multiplicidade de métodos deve ser considerada e aplicada de acordo com procedimentos variados, dependendo ainda do tipo de práticas estudadas. Com base nessas premissas, os procedimentos metodológicos deste estudo se basearam em uma pesquisa de natureza qualitativa com delineamentos exploratórios, descritivos, documental e bibliográfico (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2016).

No estudo sobre práticas urbanas, Certeau (1994, p. 20) propõe escolher “uma prática observadora e engajada” em um ponto da cidade que se objetiva estudar e determinar a partir daí o seu conjunto. Desta forma, foi escolhido como ponto principal para a análise dessa pesquisa os espaços urbanos envolvidos na implementação do Projeto Unesco Fortaleza Cidade Criativa do Design. Esse espaço urbano delimitado que poderá ser observado na Figura 3 a seguir, envolve os limites entre a comunidade do Poço da Draga e o Distrito Criativo de Fortaleza que engloba os bairros da Praia de Iracema e do Centro da cidade.

Figura 4 - Perímetro dos espaços urbanos que constituirão o Distrito Criativo



Fonte: Site Fortaleza Criativa (2020).

O dossiê do projeto chancelado pela Unesco prevê o desenvolvimento de um conjunto de práticas relacionadas a criação de um Distrito Criativo entre os limites dos bairros da Praia de Iracema e do Centro da cidade. A comunidade do Poço da Draga se situa entre os limites urbanos desses dois bairros da cidade. Considerando o objetivo desse estudo, a questão que se coloca é: como ocorre a organização da comunidade do Poço da Draga em termos de sua integração no Distrito Criativo da cidade de Fortaleza?

Para a coleta de dados, foram realizados amplos estudos com base em levantamentos efetuados em diferentes fontes e arquivos, como por exemplo, em bases documentais institucionais e jornais antigos e contemporâneos, em sites e diferentes redes sociais, públicas, privadas e governamentais relacionadas: (i) ao Projeto Unesco Fortaleza Cidade Criativa do Design; (ii) à comunidade do Poço da Draga; (iii) ao Distrito Criativo, assim como na obtenção de (iv) documentos e informações históricas sobre os bairros da Praia de Iracema/Centro da cidade de Fortaleza. Foi ainda realizado um estudo bibliográfico com levantamentos de artigos científicos nas principais bases de dados, assim como nos repositórios nacionais de dissertações e teses que foram desenvolvidas tendo como contexto de estudo o Poço da Draga. Com base nestes levantamentos foi constituído um acervo da presente pesquisa.

O quadro 4 mostra as fontes das consultas bibliográficas, apresentadas em ordem cronológica. Nessa categoria, se encontram os livros, artigos, teses e dissertações. Para as teses e dissertações as bases utilizadas foram o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, utilizando o descritor “Poço da Draga”. Foram encontrados 6 trabalhos que datam do ano de 2008 até 2019. Essa pesquisa nos depositórios de dissertações e teses teve como objetivo de encontrar trabalhos para melhor entender a história da comunidade, sua produção do espaço e suas narrativas de resistência.

Já a busca dos artigos se deu pela plataforma de Periódicos CAPES, com o descritor “Praia de Iracema”. Foram encontrados quatro artigos. Essa pesquisa na plataforma CAPES teve como objetivo encontrar artigos que discutissem a história da Praia de Iracema e suas segregações socioespaciais.

Quadro 3 - Fontes da consulta bibliográfica utilizada na análise

(continua)

Título	Tipo	Fonte
O espaço, território, sociedade e desenvolvimento brasileiro.	Livro	Faissol (1994)
Negros no Ceará. Uma nova história do Ceará.	Livro	Funes (2000)
O processo de metropolização em Fortaleza: uma interpretação pela imigração.	Artigo	Araújo e Carleial (2001)
Praia de Iracema e a revitalização de seu patrimônio histórico	Artigo	Costa (2005)
O bairro Praia de Iracema entre o "adeus" e a "boemia": usos, apropriações e representações de um espaço urbano.	Tese	Bezerra (2008)
Praia de Iracema: requalificação e ocupação do espaço em um bairro turístico do Nordeste do Brasil.	Artigo	Bezerra (2006)
Segregação socioespacial em Fortaleza.	Coleção	De Souza (2006)
Fortaleza Belle Époque—reforma urbana e controle social. O Público e o Privado	Livro	Lima (2011)
A produção do espaço na cidade de Fortaleza-CE: uma análise das ações, políticas, projetos e planos diretores.	Tese	Lima (2013)
Segregação urbana na contemporaneidade: o caso da Comunidade Poço da Draga na cidade de Fortaleza	Dissertação	Almeida (2015)

(conclusão)

O Poço da Draga e a construção do Acuario Ceará	Dissertação	Bessa (2015)
Desigualdades e segregações socioespaciais em Fortaleza, Brasil: uma análise a partir da Praia do Futuro.	Artigo	Machado (2017)
Histórias da terra e do mar: narrativas sobre resistência na comunidade Poço da Draga.	Dissertação	Oliveira (2018)
Possibilidades e Desafios de Práticas Insurgentes: o Poço da Draga, Fortaleza, Brasil	Dissertação	Nogueira (2019)

Fonte: elaborado pela autora

O quadro 4 e 5 mostra as fontes das consultas documentais, elas aparecem em ordem cronológica. Os documentos utilizados nesta pesquisa foram coletados a partir de uma pesquisa em jornais online, como: Jornal Opopo, Diário do Nordeste, BemditoJor e Instagram.

Quadro 4 - Fontes da consulta documental utilizada na análise

Título	Tipo	Fonte
Perfil dos bairros facilita captação de negócios	Jornal	Cavalcante (2015)
Fortaleza e o seu primeiro Distrito Criativo	Jornal	Leitão (2018)
Poço da Draga chega aos 114 anos preservando a memória coletiva de resistência	Jornal	Oliveira (2020)
Fortaleza Criativa	Site	Fortaleza Criativa (2020)
Dragão do Mar promove live de lançamento de projeto que retrata moradores do Poço da Draga	Jornal	Vasconcelos (2021)
Exposição Poço 115: Rastros na cidade	Post do Instagram	Felipe Camilo (2021)
Poço da Draga: uma história de resistência	Jornal	Araújo (2021)
Poço da Draga comemora 114 anos com programação virtual	Jornal	Severo (2021)
Projeto Beco In cores	Post do Instagram	Coletivoocfc (2021)
Estação de Compostagem Comunitária	Post do Instagram	Compostapoco (2021)

Fonte: elaborado pela autora

Os documentos oficiais da Prefeitura de Fortaleza acerca da Cidade Criativa e do Distrito Criativo foram coletados diretamente do site oficial da Fortaleza Criativa: <https://www.fortalezacriativa.com/economiacriativa>. Esses documentos tiveram como função na análise procurar no seu conteúdo onde o Poço da Draga está integrado.

Quadro 5 - Fontes da consulta documental utilizada na análise

Título	Tipo	Fonte
Distritos e Cidades Criativas.	Documento oficial	Plano de ação territorial (2018)
Dinamização econômica e Inclusão Produtiva	Documento oficial	Plano Fortaleza 2040 (2016)
Estudo socioeconômico: Turismo e Economia Criativa	Documento oficial	Rotas Estratégicas Setoriais 2025 (2017)

Fonte: elaborado pela autora

Considerando o objetivo dessa dissertação foram ainda realizadas entrevistas com base em diferentes roteiros com os moradores e líderes comunitários do Poço da Draga. Também foram realizadas entrevistas com os coordenadores de projeto de constituição do Distrito Criativo de Fortaleza. Para isso foram elaborados dois diferentes roteiros de entrevistas em formato aberto e em profundidade (Anexo A e B). Foram entrevistadas 6 pessoas, 4

entrevistados foram líderes de projetos do Poço da Draga, e 2 entrevistadas foram coordenadoras de projeto do Distrito Criativo. Devido às condições impostas pela pandemia os contatos com os entrevistados foram realizados pela rede social *Instagram*. Em seguida as entrevistas foram realizadas por meio da plataforma do *Google Meet* e *WhatsApp*. No Quadro 5 consta o perfil dos entrevistados.

Quadro 6 – Perfil dos entrevistados

Nome	Sexo	Setor	Projeto	Grau de escolaridade	Profissão
Entrevistada 1	Feminino	Comunidade	ONG Velaumar	Ensino Médio Completo	Coordenadora de projetos
Entrevistado 2	Masculino	Comunidade	Composta Poço	Ensino Técnico completo	Agricultor orgânico
Entrevistado 3	Masculino	Comunidade	Coletivo Fundo da Caixa	Ensino Médio Completo	Estudante
Entrevistado 4	Masculino	Comunidade	Rolê na P.I	Ensino superior completo	Geógrafo
Entrevistada 5	Feminino	Setor Público	Distrito Criativo	Pós-Graduação completa	Socióloga
Entrevistada 6	Feminino	Setor Público	Distrito Criativo	Pós-Graduação completa	Coordenadora de Projetos

Fonte: elaborado pela autora

Além disso, também foi programada o uso da técnica da observação dos espaços públicos (ANGROSINO, 2009) da cidade envolvidos, sobretudo, os espaços urbanos situados nos limites da comunidade do Poço da Draga e do Distrito Criativo. Contudo, esta técnica não pode ser amplamente praticada devido as exigências sanitárias referentes a pandemia da COVID19. Também foi utilizado a técnica de diário de campo, com notas sistemáticas e organizadas sobre o campo da comunidade do Poço da Draga, seus moradores, e as interações vividas na visita de campo à comunidade (ANGROSINO, 2009).

Em levantamentos anteriores observou-se que muitos projetos artísticos, educacionais e desportivos promovidos pelos habitantes da comunidade do Poço da Draga estão veiculados nas mídias sociais como o *Instagram*, e com esta constatação se privilegiou os contatos por meio dessa mídia social.

Por fim, a organização e a análise das informações e dados coletados se deu por meio da Análise Temática, que se constitui em uma das técnicas da abordagem da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2004). A análise temática se baseia na identificação de um ou mais temas ou itens de relevância em uma unidade de codificação previamente determinada de acordo com os objetivos do estudo. Para a organização da base de dados da pesquisa foi utilizado o Atlas TI.

Com base nestes procedimentos os resultados foram apresentados segundo as

seguintes temáticas que foram formuladas à luz dos objetivos dessa pesquisa: (i) uma discussão sobre as práticas de marginalização de espaços urbanos na cidade de Fortaleza, com ênfases para os bairros envolvidos; ii) uma contextualização da comunidade do Poço da Draga, demarcando as práticas de espaço e de design urbano entre os limites dos bairros da Praia de Iracema/Centro da cidade; iii) uma descrição do Projeto Unesco Fortaleza Cidade Criativa do Design e da criação do Distrito Criativo da cidade, enfatizando o design das práticas de espaço; iv) uma discussão com base na análise do organizar de práticas de espaço da comunidade do Poço da Draga em termos de sua integração com o distrito criativo de Fortaleza.

4 ANÁLISES E DISCUSSÕES

4.1 As práticas de marginalização de espaços urbanos na cidade de Fortaleza

Foi no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX que diversas transformações importantes aconteceram na formação histórica do Brasil. A abolição da escravidão, criação do trabalho assalariado e a instauração do regime republicano foram acontecimentos decisivos no processo de construção de uma nova ordem política, social e econômica no Brasil (LIMA, 2011).

Na esteira desse quadro de mudanças, as principais cidades brasileiras atravessaram uma série de intensas reformas urbanas e sociais. Efeitos práticos dos anseios dominantes de modernização da sociedade, tais reformas visavam alinhar os centros urbanos locais aos padrões de civilização e progresso disseminados pelas metrópoles europeias (LIMA, 2011, p. 17).

Em Fortaleza, capital do estado do Ceará, aconteceu um processo de regeneração urbana durante a Primeira República. Nessa época, era problematizada a existência dos desvios e perigos sociais que comprometem a imagem de uma cidade desenvolvida e civilizada, certos discursos e práticas que tinham como objetivo “sobretudo através de estratégicas medidas embelezadoras, saneadoras e higienistas – ordenar seu espaço e disciplinar sua população” (LIMA, 2011, p. 17). De acordo com Lima (2011) os principais grupos que estavam ligados ao investimento remodelador de Fortaleza foram as elites intelectuais, sendo os grupos do setor comercial que foram fortalecidos pelos negócios de importação e exportação; e os profissionais liberais, sendo médicos, engenheiros, doutores e bacharéis. Esses grupos desempenharam papéis importantes na construção da nova ordem urbana na capital alencarina.

Assinaladas pela racionalidade científicista em voga na Europa, formaram instituições de saber, compartilharam dos mesmos anseios civilizatórios das classes dominantes, e colaboraram estreitamente com o Estado ao prestar a competência técnica de que o Poder então carecia. Ao mesmo tempo que galgaram prestígio científico e político, os grupos de letrados pretenderam instaurar novos conhecimentos e representações sobre a cidade, fazendo circular um diversificado campo de verdades e medidas voltadas para o ajustamento da população às novas regras de vida e trabalho urbanos (LIMA, 2011, p. 18).

O crescimento populacional em Fortaleza tomou maiores proporções e ritmo quando a capital se consolidou como polo econômico-social a partir da metade do século XIX, devido as grandes exportações de algodão nas décadas de 1860 e 1870 (LIMA, 2011). Daí em diante, toda a paisagem urbana acabou se modificando e se adequando à nova realidade,

“ganhando, enfim, [...] belas casas, mansões e palacetes, [...] vias principais, bondes à tração animal e extensa rede de iluminação (LIMA, 2011, p. 19). Fortaleza também ganha loja de cafés, cinemas e novos comércios que se assentam no bairro do Centro ao redor da Praça do Ferreira, deslocando as casas residenciais para locais mais afastados (LIMA, 2011). É nessa época, em 1875, que fica claro o marco com a preocupação em ordenar a malha urbana de Fortaleza, com um novo plano urbanístico que sistematizou a expansão de Fortaleza (LIMA, 2011).

O processo de crescimento populacional e estruturação urbana da cidade de Fortaleza, foi tornando-se cada vez mais visível nos séculos XIX e XX e foi nas primeiras décadas do Século XX que diversas reformas se intensificaram devido ao advento da República (ARAÚJO; CARLEIAL, 2001; LIMA, 2011). Com a chegada do novo século, as cidades do Brasil ansiavam cada vez mais entrar para a modernidade, os centros urbanos se tornaram alvo dessa vontade de tornar o espaço mais civilizatório (LIMA, 2011).

A principal causa da aglomeração urbana em terras Cearenses se deu pelo processo de redistribuição da população do interior do estado para a capital Fortalezaense, uma população branca, indígena e negra que se encontrava à mercê da pobreza, seca fome, sem-terra, sem trabalho e excluída socialmente que via a capital como fuga de escape para melhores condições de vida (FUNES, 2000; LIMA, 2013). O crescimento e distribuição desigual da população nos espaços urbanos da capital colocou em questão a sua capacidade de acomodar as pessoas de forma digna, empurrando parte da população aos limites da cidade, criando, em consequência, as amplas margens urbanas hoje conhecidas.

A cidade é foco de atração de habitantes de outras cidades menores e principalmente das áreas rurais, que vêm em busca de melhores oportunidades de emprego, de saúde e de escolas. Esta busca da cidade faz com que ela cresça além de sua capacidade de prover empregos, saúde, escola, habitação e outros bens e serviços e torna a vida desses habitantes extremamente penosa, contrariamente às suas expectativas (FAISSOL, 1994, p. 194).

Segundo Araújo e Carleial (2001) a qualidade e eficácia das políticas públicas relacionadas a estas migrações para a capital apenas intensificou esses processos de marginalização urbanas e conseqüentemente as desigualdades de vários tipos, sejam sociais, como econômicas, culturais e espaciais. Além disso, a questão fundiária e os fenômenos da seca e da estiagem na região também contribuíram significativamente para intensificar a prática das migrações do interior do estado do Ceará para a cidade de Fortaleza e amplificar os efeitos das escassas políticas públicas correspondentes a estas ondas migratórias. Para Lima (2013) a cidade revelou um certo desprezo pela população pobre que chegava na capital em busca de

uma vida melhor, e esse migrante sentia cada vez mais a dor e sofrimento que era causada pela ausência das políticas públicas destinada a eles.

Na década de 1920 e 1940, houve um incremento populacional de 130,34%, com isso muitos problemas começaram a aparecer na cidade, como falta de moradia, saneamento básico, falta de transporte público, iluminação precária e ineficiência dos serviços de saúde e educação (LIMA, 2013). Fortaleza não foi capaz de abraçar a sua população de forma abrangente, já que a população ao chegar na cidade era obrigada a se marginalizar, ocasionando a formação de espaços urbanos conhecidos como “favelas” e ou “comunidades”, espaços estes onde sua população não tem condições de acesso aos direitos básicos de vida e moradia. A questão da marginalização urbana é um dos principais problemas das cidades brasileiras. Segundo Almeida (2015), da “periferização das classes não-privilegiadas” que se marginalizam ao se acomodarem ao redor ou longe dos centros urbanos, caracterizam os espaços urbanos carentes que se complementam com os espaços urbanos mais ricos, uma divisão espacial que caracteriza as cidades ditas modernas. Várias questões ligadas a estes processos de marginalização urbana se evidenciam por meio de uma segregação socioespacial, econômica, cultural, entre outras, produzindo níveis marcantes de desigualdades históricas que caracterizam as cidades brasileiras. Nesse contexto, a ausência do estado em oferecer condições mínimas de emprego e moradia leva a intensificação da degradação desses espaços e a busca por condições básicas de vida dos habitantes pelos arredores da cidade (ALMEIDA, 2015).

A proliferação crescente de pobres em Fortaleza – vale dizer, do contingente de trabalhadores em disponibilidade ou não-ativos do mercado de trabalho urbano, em geral fruto do êxodo rural e das tantas secas que assolaram o Estado no período — não só provocou a organização do assistencialismo médico-filantrópico como também preocupa intensamente o aparelho policial cearense. Identificando-os como propensos ao vício, furto e roubo, a polícia redobrava a vigilância sobre estes grupos à medida que se multiplicavam no espaço urbano, recrudescimento este que gerava inquietação e tensão sociais. No processo desse conflito, a polícia foi-se obrigando a utilizar menos o recurso da repressão, alternando-o com estratégias mais disciplinadoras de controle como a vigilância preventiva, a identificação e diferenciação entre “mendigos” e “vagabundos”, a persuasão e a tentativa de regenerar moral e socialmente a delinquência adulta e infantil através do trabalho em colônias agrícolas correccionais e reformatórios (LIMA, 2011, p. 176).

Estas práticas de marginalização de espaços urbanos historicamente evidenciadas, como crescimento populacional desigual, medidas higienistas e embelezadora dos espaços, falta de políticas públicas adequadas para os migrantes, desprezo pela população pobre e a marginalização urbana, que caracterizam a cidade de Fortaleza são aqui entendidas como uma forma de captar o mundo, indicando um (des)equilíbrio entre ações e estruturas espaço-temporal interligadas, mediadas por uma variedade de atividades, sejam estas de seus

habitantes, como dos governantes. Estas questões geram uma oportunidade de explorar novas problemáticas relacionadas às organizações urbanas, sobretudo, na compreensão das constituições de ordens sociais para a cidade (COOPER, 1976; SCHATZKI, 2001; 2006; RECKWITZ, 2002; GHERARDI, 2009).

Segundo Machado (2017) a partir da década de 1940 as marginalizações socioespaciais na cidade de Fortaleza começavam a se evidenciar de forma mais incisiva, nessa década já se organizava um espaço urbano central, caracterizado pelos bairros: Aldeota, Meireles, Varjota e parcelas da Praia de Iracema e do Centro, Papicu, Mucuripe, Cocó, Dionísio Torres e Joaquim Távora. Bairros estes da cidade de Fortaleza que até os dias atuais concentram maior poder de renda e empregos gerados (CAVALCANTE, 2015). Dessa forma, o processo de crescimento urbano e populacional foi se intensificando na década de 1970 com o planejamento da Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) e pela ampliação da industrialização, modernizando diferentes espaços urbanos (ARAÚJO; CARLEIAL, 2001). Na visão de De Souza (2006), a marginalização socioespacial em Fortaleza durante o século XX resultou no crescimento de “comunidades” e “favelas” e a sua expansão para os limites ao oeste, que acompanhavam os eixos viários, facilitando o acesso à cidade, e, assim, à proporção que aumentava a população, surgiam novos bairros, ampliando a reorganização de espaços urbanos marginalizados a oeste da cidade.

Além da escassez de políticas públicas para a cidade, esse processo foi significativo, entre outras questões, por causa da mercantilização, valorização e apropriação privada da terra urbana, conjugando verticalização, remoção e marginalização espacial. Como consequência, o território foi cada vez mais sendo ocupado por famílias com maior poder aquisitivo, e as famílias menos desfavorecidas iam sendo afastadas para áreas mais remotas, ampliando as margens urbanas e acirrando conflitos e injustiças socioespaciais na cidade de Fortaleza (MACHADO, 2017).

Historicamente, a maioria dos moradores das “comunidades” e “favelas” de Fortaleza são os imigrantes que vieram do interior do estado buscando uma vida melhor na capital, sobretudo, na época de fortes estiagens, momento este de intensificação dessas ondas migratórias. Esta situação ficou ainda mais sensível porque essas pessoas migravam por causa das altas taxas de desemprego nas cidades onde moravam e por conta da escassez de políticas públicas, como por exemplo, educacionais e de qualificação, com isso o processo de integração à vida urbana da cidade se torna cada vez mais dificultoso (DE SOUZA, 2006). Consoante com a imagem de desigualdades na cidade marcadas entre as suas margens, Oliveira (2018) explica que os espaços urbanos centrais e os marginalizados onde Fortaleza se situa são lugares de

conflitos, com territórios sobrepostos e fronteiras socioespaciais fluidas, repletos de proximidades e distanciamentos problemáticos.

Conforme anteriormente colocado, nos estudos sobre as práticas de espaço urbanas, Certeau (1994) orienta escolher “uma prática observadora e engajada” em um ponto da cidade que se objetiva estudar e determinar a partir daí o seu conjunto. Desta forma, foi escolhido como fulcro de análise para esta pesquisa os espaços urbanos envolvidos na implementação do Projeto Unesco Fortaleza Cidade Criativa do Design. As fronteiras desse espaço urbano sob estudo se delimitam entre a comunidade do Poço da Draga e o Distrito Criativo de Fortaleza que engloba os bairros da Praia de Iracema e do Centro da Cidade. Observa-se que Certeau (1994) também sugeriu que a problemática da pesquisa urbana deve focalizar o contexto da marginalidade de uma maioria. Nesse sentido e nos itens a seguir, o foco da discussão contextualizará a organização da comunidade do Poço da Draga em termos de sua integração ao distrito criativo da cidade.

4.2 A comunidade do Poço da Draga e os seus limites entre os bairros da Praia de Iracema/Centro da cidade

Em 1920, o histórico bairro da Praia de Iracema da cidade de Fortaleza era conhecido como Praia do Peixe. O bairro assumiu um importante papel para o início da atividade econômica da cidade de Fortaleza ao acomodar o primeiro porto da cidade. A formação do bairro Praia de Iracema está ligada diretamente ao desenvolvimento da atividade portuária da capital, interligando os espaços urbanos da região do Centro da cidade e da turística região costeira (COSTA, 2005). Até o ano de 1958 a Praia de Iracema ainda recebia o escoamento da produção de algodão do interior, que era a principal atividade econômica do estado na época (OLIVEIRA, 2018). A Praia de Iracema é um dos menores bairros da cidade de Fortaleza, estando situado nos espaços considerados “nobres” da cidade, entre as ruas João Cordeiro, Monsenhor Tabosa, Almirante Jaceguai, Almirante Tamandaré e Avenida Beira-Mar (BEZERRA, 2008).

Na década de 1950, com a transferência do centro econômico, motivada pela mudança do porto marítimo do bairro da Praia de Iracema para o novo porto construído no bairro do Mucuripe, ocorreu também um movimento migratório da população que trabalhava em torno da atividade econômica portuária da Praia de Iracema indo ao encontro do bairro do Mucuripe, situado ao leste da cidade de Fortaleza. Este processo migratório contribuiu para o esvaziamento dos espaços, casas e edifícios no bairro da Praia de Iracema e parte da região do

Centro da cidade. A região do bairro da Praia de Iracema acabou recebendo esta população migrante, com baixo poder aquisitivo, instalando-se nos prédios que foram evacuados, unindo-se com as pessoas que já residiam ali e que buscavam com a proximidade com a região do Centro da cidade e com os espaços costeiros, os meios para sua sobrevivência, através atividade da pesca e do trabalho formal e informal no comércio e na atividade artesanal e ou industrial ainda remanescente (ALMEIDA, 2014).

Os relatos desses movimentos urbanos entre os bairros da cidade e os seus processos de povoação, coadunam com a discussão proposta por Gherardi (2009), quando a autora sublinha que as práticas se referem a um fazer coletivo que produzem conhecimentos e que são ao mesmo tempo uma produção do mundo e o resultado dos processos dessas produções, contribuindo para o estabelecimento de uma ordem social.

Segundo Bessa (2015), historicamente, boa parte dos espaços da orla marítima de Fortaleza foi ocupada pela população migrante, de baixa renda, e grande parte dessa população, ainda hoje, sofre com a precariedade de moradias, assistências básicas e ausência de posse da terra onde habitam. Já no final dos anos 80, o bairro da Praia de Iracema, consolidando sua vocação turística, foi reconhecido como patrimônio histórico e foi qualificado pela Prefeitura de Fortaleza como uma área de Zona Especial (ZE), de interesse urbanístico, sendo estabelecido diretrizes restritivas para o processo de verticalização, no sentido de preservar a paisagem e o casario histórico (COSTA, 2005).

Figura 5 - Áreas ocupadas e ZEIs nos bairros da Praia de Iracema/Centro (2013)



Fonte: Almeida, 2015.

O Poço da Draga que se situa nas vizinhanças entre os bairros da Praia de Iracema e do Centro é uma comunidade com 114 anos de história. O Poço da Draga margeia o Rio Pajeú que atravessa a cidade de Fortaleza e nos idos anos de 1900, antes da intensificação das grandes migrações do interior do estado, foi ocupado por pescadores artesanais e suas famílias e outros tipos de trabalhadores como os estivadores do porto. Bessa (2015) ajuda a compreender a

origem do nome da comunidade Poço da Draga:

Em história presente em algumas das muitas narrativas de moradores antigos, é possível entender que o “poço” é devido à profundidade do mar próximo à ponte que servia de ancoradouro de embarcações naquele período inicial de ocupação da região e a “draga” é o instrumento de sucção de areia e detritos marítimos presentes nos tempos em que o porto funcionava no local (BESSA, 2015, p.33).

Quando a transferência do porto da Praia de Iracema para o Mucuripe foi concluída, o bairro da Praia de Iracema e por consequência o Poço da Draga acabou ficando sem receber os investimentos portuários. Mesmo assim, o bairro foi alvo de inúmeros projetos de requalificação e embelezamento implementados pela prefeitura de Fortaleza na década de 1990. O principal objetivo dessas requalificações era tornar o bairro da Praia de Iracema uma vitrine para os turistas, além de transformar a área desgastada em áreas de entretenimento (BEZERRA, 2008). Oliveira (2018) lembra que essas práticas de requalificação se mostraram equivocadas na medida em que as pessoas que utilizam aquele espaço foram esquecidas. O autor enfatiza que o imaginário da requalificação direciona nosso olhar para a ocupação dessa localidade conforme determinadas gestões projetaram, não respeitando o uso histórico construído por vários grupos sociais que ali sempre habitaram (OLIVEIRA, 2018).

As políticas de requalificação urbana em Fortaleza tiveram lugar no bairro Praia de Iracema. Foi notável, no início dos anos 1990, uma disputa administrativa entre os governos estadual e municipal com interesse em atrair a atenção de moradores da cidade e de turistas para este bairro, que se tornara a “vitrine” de suas políticas administrativas. O objetivo destes projetos de requalificação era transformar áreas “degradadas” em lugares de entretenimento, consumo cultural e turismo. [...] O bairro Praia de Iracema passou a ser o cenário das políticas de requalificação em virtude das representações construídas ao longo de sua história. Os utilizadores deste bairro reforçaram, por meio dos seus discursos e práticas, a construção e reprodução de sua imagem como um bairro boêmio e bucólico. Contudo, após estas intervenções, na década de 1990, ocorreu forte especulação imobiliária, contribuindo para a expulsão e permuta de antigos moradores e frequentadores. Com aumento dos aluguéis, imóveis passaram a abrigar predominantemente estabelecimentos comerciais voltados ao lazer, como bares e restaurantes. Como consequência desse fenômeno, surgiram dissensões quanto às formas de ocupações e novas representações da Praia de Iracema. (BEZERRA, 2006, p.2)

Contudo, os investimentos direcionados para valorização desses espaços urbanos com a criação da Zona Especial de Interesse Social (ZEIS) e a organização de práticas de requalificação voltadas para a preservação histórica e cultural por parte do poder público, se evidencia a persistente ocupação de partes dos espaços da região costeira da cidade de Fortaleza por uma população pouco assistida, com baixos índices de renda e emprego, entre estas, a população que habita a comunidade do Poço da Draga, situada nos limites dos bairros da Praia

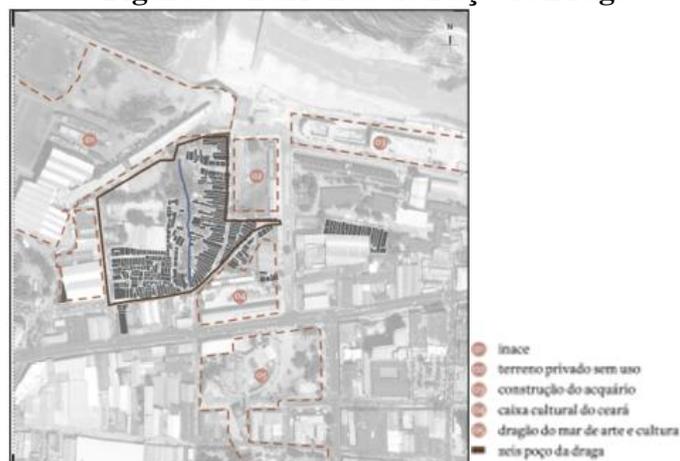
de Iracema/Centro.

Por outro lado, esta persistência da comunidade do Poço da Draga ao permanecer no seu lugar, não obstante as intervenções urbanas do poder público e as demandas do setor privado, se conecta com as discussões propostas por Certeau (1994), relacionadas às maneiras de fazer que se articulam com os espaços organizados instituídos. Estes processos, caracterizados por uma resistência à lei do lugar, atua na transformação da comunidade do Poço da Draga em um espaço, um lugar praticado pelos seus moradores.

Atualmente, no Plano Diretor Participativo do Município de Fortaleza, o Poço da Draga está situado no bairro Centro. Entretanto, a maioria dos seus moradores se identificam e tem como sentimento de pertencimento ao bairro da Praia de Iracema (OLIVEIRA, 2018). Para Nogueira (2019) a comunidade do Poço da Draga é um símbolo de resistência e luta em meio aos bairros nobres que foram se formando na orla marítima da cidade de Fortaleza. O Poço da Draga está localizada em um pedaço de espaço urbano, cobiçado pela especulação imobiliária, com latente potencial turístico ainda não totalmente explorado, e que concentra diversos equipamentos culturais e de lazer, tais como o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, o futuro aquário (ainda em construção), a Caixa Cultural do Ceará, entre outros (OLIVEIRA, 2018).

O Poço da Draga está inserido em um espaço onde fica escondida e invisibilizada entre espaços culturais e comércios, como o Centro Cultural Dragão do Mar, a Caixa Cultural de Fortaleza, a Indústria Naval do Ceará (INACE), um galpão da antiga boate Alfândega e o luxuoso restaurante L'Ô, uma concessionária e os inacabado Acquario Ceará (OLIVEIRA, 2018; BEZERRA, 2008). No entanto, nem toda a relação que o Poço da Draga possui com seus espaços que o cerca é negativa. Entrevistado 3, morador do Poço da Draga, em entrevista afirma que “o dono do restaurante L'Ô só contrata para trabalhar aí dentro o pessoal do Poço da Draga”.

Figura 6 - Barreiras do Poço da Draga



Fonte: Oliveira (2018)

De acordo com o Instituto de Planejamento de Fortaleza (2021), o Poço da Draga possui 34.502 km² de território e cerca de 1.026 pessoas vivendo em assentamentos precários na comunidade. Apesar de se localizar entre os espaços urbanos mais valorizados e que mais recebem investimentos na cidade de Fortaleza, sofre com o descaso dos órgãos competentes que o “deixam de fora” dos projetos desenvolvidos nos espaços do seu entorno. Dessa forma, sua população vivencia constantes ameaças de remoção, movidas pelo interesse turístico e a forte especulação imobiliária que caracteriza os espaços urbanos da nobre região da orla da cidade de Fortaleza (BEZERRA, 2008).

Alguns dados gerais sobre a comunidade do Poço da Draga demonstrados na Revista do Poço da Draga (2020) revelam que apenas 19% dos seus moradores possuem ensino médio completo e 9,5% não sabem ler ou escrever, e que 33,3% dos moradores não estudam nem trabalham, também que 23,8% das residências habitam 5 moradores e que 71,3% vivem há mais de 10 anos no bairro. Nesse contexto, algumas demandas feitas pela comunidade ao poder público da cidade de Fortaleza, são: participar do Plano Diretor da cidade com o objetivo de mudança da poligonal da ZEIS de 2009, visando integrar outros espaços como a Vila dos Correios e duas áreas de moradia dos Galdinos; possibilitar usufruir os vários espaços ociosos do entorno da comunidade do Poço do Draga; solicitar a construção de uma creche no complexo do CUCA da Praia de Iracema, de um posto de saúde, assim como da urbanização das ruas internas do Poço da Draga; a legalização predial das casas e moradias da comunidade que os moradores ocupam; a profissionalização das pessoas da comunidade para trabalhar nos restaurantes e hotéis do entorno turístico do Distrito Criativo; recortar áreas para treinamento de calistenia, como academias e exercícios ao ar livre e a promoção de aulas abertas de diferentes modalidades como zumba, *muay-thai*, assim como o ensino de instrumentos musicais; por fim, patrimonializar a histórica “Ponte Metálica” que define os limites dos espaços do Poço da Draga.

Complementando as discussões sobre a “prática observadora e engajada” (CERTEAU, 1994) escolhida para o desenvolvimento desse estudo, a seguir serão descritos os principais objetivos do Projeto Unesco Fortaleza Cidade Criativa do Design, assim como os planos para a criação do Distrito Criativo que irá contemplar os espaços limítrofes entre os bairros da Praia Iracema e do Centro da cidade, onde se situa, também, o Poço da Draga.

4.3 O Projeto Unesco Fortaleza Cidade Criativa do Design e a criação do Distrito Criativo da cidade

Em abril de 2019, um grupo de instituições liderado pela Prefeitura Municipal de Fortaleza (PMF) enviou um dossiê à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), visando a chancela de Fortaleza como cidade criativa do design. Em julho de 2019, Fortaleza foi chancelada pela Unesco como cidade criativa na categoria “*design*”, integrando a Rede Global de Cidades Criativas (*Network Creative Cities Network - UCCN*). A UCCN tem como propósito promover a cooperação internacional entre as cidades que reconhecem a criatividade como um importante instrumento para o desenvolvimento (DE SOUSA; DA SILVA MELLO; COLVARA, 2020). No site oficial do projeto Fortaleza Criativa é reconhecido que para Fortaleza, a criatividade é o fruto da necessidade, simbolizando a busca da população por alternativas para superar a pobreza e exclusão. Todo o talento que a capital do Ceará tem para o comércio faz com que a dimensão cultural e criativa seja importante para Fortaleza, principalmente atuando com os nano, micro e pequenos empreendedores da Economia Criativa (FORTALEZA CRIATIVA, 2020).

Os diversos projetos do dossiê chancelado deverão ser desenvolvidos nos próximos 4 anos (entre 2020-2024), estando comprometidos com o desenvolvimento de um conjunto de ações relacionadas ao estímulo da Economia Criativa na cidade de Fortaleza (MENEZES; IPIRANGA, 2020). Os projetos contemplados no dossiê têm como propósito transformar a cidade de Fortaleza em uma cidade criativa e conectada com as demais cidades criativas da UCCN e precisam ser desenvolvidos em parceria entre Poder Público, Organizações, Entidades, Universidades, Sociedade Civil e organizações não-governamentais (FORTALEZA CRIATIVA, 2020). Os projetos previstos para a cidade de Fortaleza são:

- a) Centro de Design do Ceará: conectar a oferta e a demanda em design, estimulando a diversificação dos bens simbólicos de alto valor agregado, gerando negócios de alto impacto nas vidas das pessoas e na economia da cidade;
- b) Laboratório de Inovação: incentivar o aumento da identificação e apropriação da cidade pelos cidadãos, através da promoção de oficinas e workshops, identificando os pontos críticos da cidade e propondo intervenções e instalações urbanas nas mais variadas linguagens;
- c) Observatório do design: criação de uma plataforma digital que fornece os elementos essenciais para os processos de tomada de decisão relacionados com

- políticas de inovação e design;
- d) Jornada ibero-Americana Transversal do Design: apresentar e discutir oportunidades de cooperação entre cidades criativas em ações e projetos que relacionem o design com demais áreas da economia criativa do Estado;
 - e) Programa de Cooperação e Intercâmbio: fluxo constante e de mão dupla de conhecimentos, experiências e pessoas ligadas à criatividade e design entre as cidades da rede;
 - f) Distrito Criativo: produzir soluções inovadoras aos problemas do cotidiano através da economia criativa, em especial os setores de design, gastronomia, moda, artesanato e audiovisual.

Como percebemos, um dos projetos definidos no contexto do dossiê “Fortaleza Cidade Criativa do Design” foi a criação de um Distrito Criativo envolvendo os espaços conjugados dos bairros da Praia de Iracema e do Centro da cidade. Segundo, Marques e Richards (2014) os distritos criativos estão tornando-se cada vez mais parte integrada do coração artístico e cultural das cidades, além disso, os negócios criativos que surgem a partir da cultura local fazem parte da vida empreendedora que acontece na cidade. Os eixos de atuação do Distrito Criativo de Fortaleza estão baseados em um conjunto de práticas, entre estas: da articulação entre governo, universidade e empresa; da formação de competências criativas; da produção de conhecimento e fomento sobre a economia criativa; da pesquisa, desenvolvimento e inovação; da difusão da comunicação; do investimento em infraestrutura e do desenvolvimento territorial (FORTALEZA CRIATIVA, 2020).

O perímetro dos espaços urbanos citado pelo projeto da Unesco Fortaleza Cidade Criativa do Design para a instalação do Distrito Criativo englobou os limites entre os bairros da Praia de Iracema e do Centro da cidade, compreendendo 2,9 km² de área e com uma população de 15.286 habitantes, conforme figura 3.

Figura 7 - Perímetro dos espaços urbanos que constituirão o Distrito Criativo



Fonte: Site Fortaleza Criativa (2020).

Conforme Leitão (2018) os espaços urbanos dos bairros da Praia de Iracema/Centro, onde está sendo instalado o Distrito Criativo, envolvem as comunidades do Poço da Draga, assim como as pequenas comunidades do Morro do Ouro e Graviola. Estas comunidades estão consideradas no Projeto da Unesco Fortaleza Cidade Criativa do Design como Zona Especial de Interesse Social (ZEIS) (FORTALEZA CRIATIVA, 2020). Os espaços urbanos entre os quais será criado o Distrito Criativo se organizam por meio das seguintes práticas de caráter estratégico:

Ele é composto de 7% de sua área, em Zona Especial de Interesse Social Zeis, que incluem as comunidades do Poço da Draga, Morro do Ouro e Graviola; 17% da área de Zona Especial de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural - ZEPH; e mais da metade do território (55%) é Zona Especial de Dinamização Urbanística e Socioeconômica - Zedus. Esse misto de zonas de interesse contribui diretamente para os objetivos centrais do Distrito Criativo Iracema, que busca aliar o empreendedorismo criativo, com inclusão social, inovação e sustentabilidade (LEITÃO, 2018, p. 18).

Além disso, o espaço do Distrito Criativo ainda será composto por 3,5km² de área, é composto por 12% de Zonas Especiais de Preservação do Patrimônio Histórico-Cultural (ZEPH), por 28 equipamentos Culturais/Turísticos, por 36 bens tombados, 7 praças públicas, 7% de Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS) e por 29% de Zonas Especiais de Dinamização Urbanística e Socioeconômica (ZEDUS). O projeto ainda propõe fazer com que a cidade de Fortaleza se torne um novo modelo de cidade compacta, alimentando a pesquisa, desenvolvimento e inovação, criando mais áreas verdes, fomentando o empreendedorismo, revitalizando os espaços públicos, desenvolvendo negócios, criando mais mobilidade e acessibilidade, construindo mais habitações populares, e dando valor ao patrimônio histórico e cultural. Na figura 8 se encontram os eixos de atuação do Distrito Criativo:

Figura 8 - Eixos de atuação do Distrito Criativo



Fonte: Site Fortaleza Criativa (2020)

Condizente com suas históricas práticas de resistência, observa-se que a comunidade do Poço da Draga se mantém presente nos planos e espaços urbanos que demarcam limites com os citados bairros da cidade envolvidos na organização do Distrito Criativo da cidade de Fortaleza. Contudo e considerando a questão guia dessa pesquisa, afinal, como a comunidade do Poço da Draga está integrada ao organizar da cidade criativa do design?

4.4 O organizar de práticas de espaço na comunidade do Poço da Draga em termos de sua integração com o distrito criativo de Fortaleza.

A comunidade do Poço da Draga faz parte dos espaços conjugados entre os bairros da Praia de Iracema e do Centro, onde está sendo organizado o Distrito Criativo de Fortaleza. Este processo de organização do distrito criativo está ainda em sua primeira fase de implementação que envolve diversas etapas de um planejamento urbano previsto até o ano de 2040, conforme explicita os documentos da Prefeitura de Fortaleza:

“O Plano Fortaleza 2040 e o Programa Rotas Estratégicas propõem a transformação da capital do Ceará em uma cidade criativa, inovadora, inteligente e empreendedora, conectada com as demais cidades criativas do mundo, reconhecida pela sustentabilidade, inovação e diversidade cultural dos seus bens e serviços, assim como pela inclusão produtiva da sua população, especialmente, da sua juventude” (PLANO DE AÇÃO TERRITORIAL, 2018).

Foram realizadas duas entrevistas para gestores de projetos que estavam envolvidas na organização do Distrito Criativo de Fortaleza. A primeira entrevistada foi uma das organizadoras do projeto, entrevistada 6. Quando questionada sobre como foi a primeira vez que o Poço da Draga foi pensado para ser incluído no projeto do Distrito Criativo respondeu que:

“O Poço da Draga ele não necessariamente, vamos dizer assim, participou da chancela da UNESCO. Porque a chancela era algo mais amplo né. Ela abrange o território de Fortaleza, ela não abrange só o território do Distrito. Mas falando do Distrito, o Poço da Draga na verdade foi contactado desde o primeiro momento, porque como houve essa demanda dos moradores da Praia de Iracema em relação aos problemas que estavam havendo de segurança na região de empreendimento fechado, é... alguns moradores do Poço da Draga fizeram parte do conselho de moradores da Praia de Iracema, então ainda não sei se esse conselho está ativo. Mas a partir desse conselho a gente começou a ter contato com eles. Com a Entrevistada 1, com o Entrevistado 4, que são grandes representações ali do Poço e eles começaram também a discutir conosco o projeto do Distrito Criativo. A primeira parte do projeto tem uma grande contribuição na verdade do Poço da Draga, em reuniões que a gente tinha constantemente com eles assim, principalmente o conselho de moradores que é ligado a ZEIS né (ENTREVISTADA 6, DEPOIMENTO DA ENTREVISTA)”.

Durante as pesquisas sobre os projetos que existem no Poço da Draga, é possível perceber como a comunidade é organizada e como os seus moradores e líderes de projetos estão sempre em comunicação, com isso, uma preocupação era se nas reuniões que foram feitas com os líderes da comunidade, foi deixado claro que eles estavam presentes para discutir sobre o projeto do Distrito Criativo.

“Sim. Isso era bem claro que era uma proposta. A própria Entrevistada 1 e o Entrevistado 4 conheciam a Cláudia (nome fictício, diretora do Iplanfor) anteriormente. (...) E de fato eles foram tanto nas reuniões no Iplanfor, como houve reuniões lá no Poço da Draga em que a gente tratava a ideia do Distrito...” (ENTREVISTADA 6, DEPOIMENTO DA ENTREVISTA).

A Entrevistada 6, ainda conta que na mesma época começou a identificar no Poço da Draga pessoas que era formadas nos setores da economia criativa, no audiovisual e na gastronomia e que ainda estavam desempregadas, *“isso na verdade foi uma das várias justificativas e gatilhos até pra construção do Distrito”* (Depoimento da entrevistada).

A gente observava que já existia pessoas com formação nos setores, mas que elas não tinham escoamento pra o mercado de trabalho. E aí a gente começou esse diálogo e em todas as reuniões em geral era bem colocado que era participação em relação ao Distrito Criativo, até eles participavam também do seminário. (ENTREVISTADA 6, DEPOIMENTO DA ENTREVISTA).

A Entrevistada 5, outra organizadora do projeto do Distrito Criativo, comenta sobre o envolvimento de algum líder de projeto do Poço da Draga no Distrito Criativo, e fala que o olhar para a comunidade tem que ser de potência.

Quando nós tivemos em 2018 começando a construir com eles, eu ainda estava no Observatório, o projeto do Observatório do Poço da Draga, a primeira ação foi um convite que nós fizemos dentro do primeiro encontro internacional de Observatórios ao criador do Observatório de Favelas né, lá do Rio de Janeiro. A gente teve o Poço da Draga conosco pra inspirá-los a criar um projeto de Observatório, então a gente veio construindo, os encontros eram normalmente à noite eu tava na liderança dessa construção porque eu colaborei na criação de alguns observatórios. Observatório da Mulher e Observatório do Turismo passaram digamos pelo apoio que eu dei na minha gerência né. Eles existem, são dois Observatórios da gestão. Mas a menina dos nossos olhos, pelo menos dos meus (...), era o Observatório do Poço da Draga. Mas teve que interromper por conta da presença do tráfico. Tinha uma espécie de que não pode entrar depois de tal hora. Lá não é tão grave assim, mas naquele momento foi dada essa orientação né. (ENTREVISTADA 5, DEPOIMENTO DA ENTREVISTA).

De acordo com o Plano de Ação Territorial: Distritos e Cidades Criativas publicado em 2018, a Prefeitura de Fortaleza está liderando esse processo de criação do primeiro Distrito Criativo da cidade de Fortaleza, cujo planejamento, envolverá um conjunto de práticas de estratégias governamentais, entre estas: articulação e produção de conhecimento, mercado,

fomento e políticas públicas sobre a economia criativa; desenvolvimento territorial; educação para as competências criativas; pesquisa & desenvolvimento e inovação de equipamentos criativos; formação empreendedora e estabelecimento de marcos legais; formulação de políticas para a governança do distrito (PLANO DE AÇÃO TERRITORIAL, 2018). Contudo, e na análise desses documentos, os projetos previstos para a comunidade do Poço da Draga envolvem: instalar um container elétrico, visando diminuir a conta de energia de associações locais; instalação de uma área para esporte e lazer; regularização fundiária dos moradores da Zona Especial de Interesse Social; e outros incentivos como a pintura das casas dos moradores.

Para descobrir mais sobre os projetos previstos no Distrito Criativo que envolvem o Poço da Draga, foi questionado a Entrevistada 6 se existiam mais projetos voltados para a comunidade. Em um primeiro momento ela relata que não sabia como estava especificamente a situação de mais projetos para o Poço da Draga do que já existia nos documentos, mas que *“posteriormente foi construído os Planos Integrados de Regularização Fundiária, os PIRF. E um deles foi o da ZEIS do Poço da Draga. Dentro desses PIRF tem o PIRF que é de trabalho e inclusão produtiva, em que o Distrito Criativo é citado”* (Depoimento da entrevista).

O documento do Plano Integrado de Regularização Fundiária (PIRF), relacionado ao Poço da Draga foi criado no ano de 2020 em forma de revista, com o título “Revista do Poço da Draga”. O PIRF é um conjunto de ações que são elaboradas pelo município de Fortaleza, Universidades e moradores da área, com o objetivo de desenvolver a região em seus aspectos urbanísticos, socioeconômicos, de infraestrutura, jurídicos, ambientais, de mobilidade e de acessibilidade urbana. Neste documento elaborado para o Poço da Draga, são expostas informações sobre as políticas urbanas, na construção das ZEIS, ao direito à cidade e uma breve apresentação da realidade do território do Poço da Draga (PIRF, 2020).

A Entrevistada 6, ainda continua dizendo que existem diversos outros projetos que acontecem no Distrito, no entanto, eles ficam bem fragmentadas e não levam o nome oficial do Distrito Criativo para que a comunidade reconheça, *“mas assim, especificamente do Poço da Draga eu não sei te afirmar porquê de fato eu não tenho acompanhado tão mais de perto”* (Depoimento da entrevista).

Conforme alguns autores, é sabido que a comunidade sofre com diversos problemas, intensificados devido à escassez de políticas públicas para o espaço onde o Poço da Draga está instalado (OLIVEIRA, 2018). Gondim (2008, p. 102) expõe que a omissão do Poder Público para a comunidade, assume uma postura de “negligência maligna”, pois a comunidade sofre com problemáticas advindas de vários fatores como baixos índices de renda e ou altos índices de desemprego, a falta de saneamento básico, entre outras questões de grande estatura.

Contudo, mesmo com todos os fatores negativos que poderiam fazer com que o Poço da Draga fosse caracterizado e lembrado apenas pela omissão do Poder Público, é possível perceber que ela resiste em cada projeto criado na comunidade. O primeiro contato feito com o Poço da Draga foi o Entrevistado 4, o líder do Projeto “Expresso 110”. O projeto organiza um percurso de práticas espaciais onde se exerce a prática de caminhadas a pé de grupos de pessoas, acompanhado por um guia morador, para a visita turística dos lugares de relevância histórica e ligados à identidade do Poço da Draga.

A rua principal que nos recebe para entrarmos no Poço da Draga é ampla, cheia de cores e grafite. Em um primeiro momento fiquei receosa esperando o Entrevistado 4 (meu guia turístico do Poço da Draga), pois a rua principal, conhecida como Cidal pelos moradores, e oficialmente como Av. Almirante Tamarandé estava bem vazia, eram 15 horas da tarde na semana. No entanto, meu medo foi logo enfraquecido quando fui recebida pelo Entrevistado 4 e levada até a calçada principal onde íamos ter a nossa conversa. Pois várias crianças estavam brincando e rindo no pavilhão que fica de frente para a entrada principal do Poço da Draga (DIÁRIO DE CAMPO, 09/11/2021).

Na figura 8, se observa a calçada mais famosa do Poço da Draga, conhecida como calçada das Latas D’águas. É a calçada principal da comunidade. Segundo o Entrevistado 4, é onde os moradores e líderes de projetos se reúnem esporadicamente para discutirem questões de comum interesse a todos. Do lado esquerdo da calçada já é a entrada principal da comunidade e do lado direito podemos ver os escombros do projeto do Aquário de Fortaleza que está incompleto.

Figura 9 - Calçada das Latas D’água



Fonte: elaborado pela autora

O primeiro comentário feito pelo Entrevistado 4 é que as pessoas acham que a rua principal (a Cidal) segrega o Poço da Draga do resto da cidade, no entanto, ele comenta que “*eu não acho que segrega, eu acho que protege*” (Depoimento da entrevista). Em um primeiro momento da visita, o Entrevistado 4 introduz de maneira breve sua vida.

Eu sempre gostei muito da área da natureza, e sempre via muito movimentos na comunidade de inquietação enquanto moradia (...) e fiz geografia (...), nunca repeti de ano, mas isso não quer dizer que o menino da comunidade ‘porque que ele não é que nem o Entrevistado 4?’, a exceção não faz a regra, aqui falta política pública (Poço da Draga) (ENTREVISTADO D, DEPOIMENTO DA ENTREVISTA).

O Entrevistado 4 também conta que estava trabalhando no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura na primeira década dos anos 2000 quando veio a vontade de trabalhar em prol do Poço da Draga e contar a história da comunidade para as pessoas, “*eu comecei a ver o Poço da Draga de forma diferenciada, eu tenho que dar o retorno à sociedade, e esse retorno tem que ser a nível micro*” (Depoimento da entrevista). Foi nos anos de 2011 e 2012 que O Entrevistado 4, junto com a comunidade, resolveram iniciar as comemorações do aniversário da comunidade com programações diversas.

Com origem na inauguração do primeiro porto de Fortaleza, a comunidade do Poço da Draga, na Praia de Iracema, chega aos 114 anos nesta terça-feira, 26. Os moradores, ligados em sua maioria por laços parentais, se consideram uma família que tem resistido unida ao longo do tempo à desassistência infraestrutural, mantendo vivas as tradições e memórias centenárias de um dos cartões postais da Capital (OLIVEIRA, 2020)

Figura 10 - Panfletos do aniversário do Poço da Draga



Fonte: Google Fotos

Mesmo no ano de 2021, no contexto da pandemia de Covid-19. O Poço da Draga não deixou de comemorar o seu aniversário. Os 114 anos da comunidade foi organizado com uma programação virtual adaptada para o período de isolamento, “a população terá acesso a shows, debate, sarau e até a tradicional visita guiada [...] para mostrar aspectos históricos, culturais, econômicos e sociais da comunidade” (SEVERO, 2021). Ademais, o Entrevistado 4 conta um pouco sobre o grupo que fundou alguns anos atrás,

Criamos um grupo em 2015, chamado Pro Poço que seria em prol do Poço (...) pro aniversário do poço (...), no sentido de fazer com que as pessoas sentissem pertencimento (...), atualmente, estou atuando de forma mais profunda na promoção do poço de uma atividade que é o turismo comunitário ou turismo criativo, junto com os meninos que não tinham muito visibilidade, mas tem muito potencial (...) (ENTREVISTADO 4, DEPOIMENTO DA ENTREVISTA).

Quando questionado sobre seu conhecimento do Distrito Criativo, o Entrevistado 4 primeiramente comenta sobre a visão que tem acerca do que deveria ser o Distrito Criativo, “o Distrito deveria servir a uma adjacência que comungue com a sua cultura e sua prática local (...) e desenvolver a sustentabilidade” (Depoimento da entrevista). No entanto, confessa que nunca leu sobre esse projeto e que a primeira vez que ouviu falar sobre o Distrito Criativo foi pelo conhecimento da presente dissertação. Ainda comenta que o contato que ele teve com uma das gestoras do projeto foi para falar sobre a criação de um observatório de favela dentro do Poço da Draga, *ela falou sobre Cidade Criativa, não era Distrito Criativo, (...) ela falou que a Cidade Criativa tinha uma agenda a cumprir de desenvolvimento humano a nível social, econômico e ambiental* (Depoimento da entrevista). Indagado sobre a existência de alguma reunião que participou, o Entrevistado 4 disse:

Que teve umas três, (...) era informal, quando a gente começou a fazer o observatório, a gente precisava de um núcleo que fosse ou regulamentado ou legitimado, ter um computador, ter papel, ter uma impressora, ter uma equipe para realizar um produto (ENTREVISTADO 4, DEPOIMENTO DA ENTREVISTA).

O Entrevistado 4 ainda lembra que na elaboração do PIRF, foi colocado que eles precisam “retomar a concepção e elaboração participativa dos moradores tanto do Poço da Draga, quanto da Praia de Iracema deste observatório” (Depoimento da entrevista).

Depois que o Entrevistado 4 encerrou nossa conversa na calçada, ele me levou para a entrada do Poço da Draga, achei interessante os líderes comunitários morarem também perto da entrada do Poço da Draga, a Entrevistada 1, líder da ONG Velaumar passou rápido por mim, me reconheceu e disse que eu poderia ficar à vontade para bater fotos da entrada da ONG. Logo, pude ver o símbolo principal da ONG, ao lado se encontravam algumas estantes com livros infantis para que as crianças da comunidade possam pegar e logo atrás tinham dois jornais falando sobre o Poço da Draga.” (DIÁRIO DE CAMPO, 09/11/2021).

A ONG Velaumar atua com práticas de capacitação profissional e atividades socioeducativas para a população do Poço da Draga. Atualmente, a liderança da ONG está nas mãos da Entrevistada 1 desde o ano de 2004, moradora do Poço da Draga. “A gente atende todos os perfis da comunidade, porque é a única instituição dentro da comunidade (Depoimento da entrevista)”.

E hoje a Velaumar vem contribuindo tanto pras nossas vidas, primeiramente né, que tornou-se o projeto de vida da família. Como pra amenizar as condições da comunidade, condições sociais sabe, econômicas, o que a gente pode contribuir a gente faz a nossa parte (ENTREVISTADA 1, DEPOIMENTO DA ENTREVISTA).

Figura 11 - Fotos da ONG Velaumar



Fonte: elaborado pela autora

Outro principal papel da ONG Velaumar no Poço da Draga é estimular o sentimento de permanência no local de origem da comunidade. Além disso, ela também dá suporte a todas as outras atividades que acontecem, como: aula de funcional, que é feita na beira da praia e o Sarau, que é um trabalho voltado para o público da geração da terceira idade conhecido como “Guardiões da Memória”.

Nós temos também aqui a parte de formação do juvenil né, que são meninos que são qualificados para o primeiro emprego, a gente tem parcerias com o SINE. Eles vêm aqui trazer recrutamentos, eles trazem pessoas pra orientar como ter a primeira entrevista no trabalho sabe. O que mais que nós temos... nós temos a parte do esporte, que são meninos formados pelo professor Márcio, que hoje está desenvolvendo um trabalho com as mulheres, mas sempre teve um trabalho de base com os atletas daqui né. Aqui nós temos as potencialidades assim bem consideradas né. Temos o Entrevistado 4 também, que é um geógrafo, (...) que ele faz o “Coleta PI”, ele faz uma monitoria aqui dentro falando do que a gente tem como patrimônio dentro da própria comunidade. Ai a gente agenda universitários, a gente agenda as pessoas que tenham interesse em conhecer mais o Poço e ele faz todo esse trabalho. Antes era só ele né, agora a gente já tem outras pessoas já sendo formadas pra participar e dar essa visibilidade que eu acho que deve ter em todas as comunidades, trabalhar mesmo esse “seu eu” dentro das comunidades sabe (Entrevistada 1, Depoimento da entrevista).

“Depois de bater as fotos da ONG Velaumar, fui convidada a conhecer a casa da senhora Ivo (nome fictício), ela é popularmente conhecida no Poço da Draga como a guardiã da memória” (DIÁRIO DE CAMPO, 09/11/2021). A “dona” Ivo, com ajuda do projeto Rastros Urbanos publicou no ano de 2021 um livro de memórias da sua coleção pessoal se santinhos falecidos organizados em forma de álbum com o título de “Territórios da Memória – Poço da Draga. Junto com cada impressão do livro é colocado um mapa do Poço da Draga e seus principais locais importantes (ANEXO C).

Entrar na casa de pessoas que não conheço sempre foi um incômodo para mim, no entanto, dona Ivo foi tão receptiva que logo me senti confortável para entrar em sua casa e conversar com ela. A casa era bem estreita, lotada de matéria prima para montagem de artigos diversos que dona Ivo construía, ela foi retirando os produtos da sacola para me mostrar, como porta objetos, pacotes de presente e quadros ilustrados com costura. ‘Dona’ Ivo realmente faz jus ao nome de guardiã da memória, pois em sua casa ela possuía uma parede inteira lotada de quadros fotográficos da sua família e amigos do Poço da Draga (DIÁRIO DE CAMPO, 09/11/2021).

Figura 12 - Artesanatos que Ivoneide Gois produz



Fonte: elaborado pela autora

“Como fui visitar o Poço da Draga no meio da semana, eu senti as pessoas com pressa para falar e pra terminar seus afazeres, talvez se eu tivesse ido em um fim de semana teria tido mais tempo de conversar com as pessoas. Depois que eu saí da casa da ‘Dona’ Ivo, o Entrevistado 4 me levou para dar uma rápida volta por dentro do Poço da Draga, tive que correr bastante para acompanhá-lo. Como já estava escurecendo, eu não consegui ver tudo em detalhes, mas ao adentrar ainda mais no Poço da Draga fui surpreendida. As ruas são estreitas, no entanto, isso não impede em nada a vida econômica que se move por dentro. A comunidade tem praticamente tudo que você conseguir pensar, me passou um sentimento de ser autossustentável. Tinha barbearia, salão de beleza, diversas mercearias, costureira e até um bar. As paredes da comunidade também estão sempre bem enfeitadas, com grafite, pinturas e até mesmo flores e jarros. Passando por um morador muito simpático do Poço da Draga, Luís (nome fictício), me relatou que a comunidade vive a base da economia solidária e que se encontram na base da pirâmide social. Ainda me contou brevemente que muitas pessoas vieram morar no Poço da Draga depois do período da pós-escravidão. Quando questionado sobre seu conhecimento do projeto do Distrito Criativo em andamento ele conta que não tem conhecimento sobre o projeto” (DIÁRIO DE CAMPO, 09/11/2021).

O grafite das paredes das ruas que se localizam dentro do Poço da Draga é feito pelo Coletivo Fundo da Caixa que atua na comunidade. Dentro do coletivo, existe um projeto chamado “Projeto Beco In cores” realizado por artistas da comunidade através do “Cria P.I” do Instituto Iracema no Poço da Draga. 2020. O “Cria P.I é um concurso promovido pela Prefeitura de Fortaleza, por meio do Instituto Iracema localizado no bairro da Praia de Iracema. O concurso consiste em selecionar 20 projetos inovadores e criativos para o bairro da Praia de Iracema, com o incentivo aos vencedores de R\$ 6.000,00 para a execução do projeto.

Figura 13 - Paredes do Poço da Draga



Fonte: elaborado pela autora

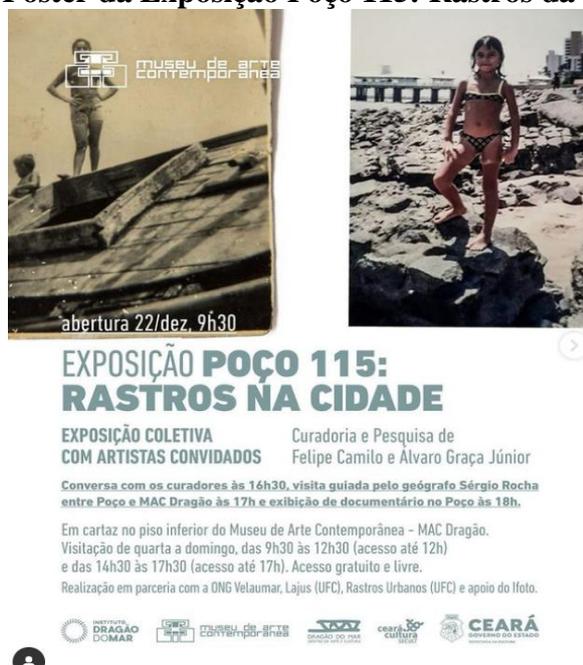
Além disso, no ano de 2021, a relação entre o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e o Poço da Draga foram estreitados. O Instituto Dragão do Mar está localizado no bairro da praia de Iracema, em frente ao Poço da Draga e serve como um espaço destinado ao

encontro das pessoas, ao fomento e à difusão da arte e da cultura na cidade de Fortaleza. Em fevereiro de 2021, o Instituto Dragão do Mar promoveu uma *live* na plataforma Instagram do projeto “Dragaleria”, projeto de práticas artísticas como a fotografia sobre a memória da comunidade do Poço da Draga. Foi retratado a história da comunidade Poço da Draga, por meio fotografias em lambe-lambe dos moradores.

“Retratar rostos é retratar pessoas com nomes, com lugar social, com histórias a serem contadas. Ao retratar cada pessoa, retrata-se, ao mesmo tempo, o coletivo, o que faz fortalecer os sentimentos de pertença e de reciprocidade”, relata o idealizador do projeto (VASCONSELOS, 2021).

Já em novembro de 2021, outro projeto foi desenvolvido e exposto no Instituto Dragão do Mar com o título de “Exposição Poço 115: Rastros na cidade”. A exposição de imagem dos álbuns dos moradores acontece em dois locais, uma parte na ONG Velaumar dentro do Poço da Draga e a outra no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, “e versa sobre a relação da cidade com a praia, sobre o futebol amador, sobre infância, velhice e sobre lutas das populações litorâneas por permanência em seu território” (FELIPE CAMILO, 2021).

Figura 14 - Poster da Exposição Poço 115: Rastros da Cidade



MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

abertura 22/dez. 9h30

**EXPOSIÇÃO POÇO 115:
RASTROS NA CIDADE**

EXPOSIÇÃO COLETIVA COM ARTISTAS CONVIDADOS

Curadoria e Pesquisa de Felipe Camilo e Álvaro Graça Júnior

Conversa com os curadores às 16h30, visita guiada pelo geógrafo Sérgio Rocha entre Poço e MAC Dragão às 17h e exibição de documentário no Poço às 18h.

Em cartaz no piso inferior do Museu de Arte Contemporânea - MAC Dragão. Visitação de quarta a domingo, das 9h30 às 12h30 (acesso até 12h) e das 14h30 às 17h30 (acesso até 17h). Acesso gratuito e livre.

Realização em parceria com a ONG Velaumar, Lajus (UFC), Rastros Urbanos (UFC) e apoio do Ifoto.

INSTITUTO DRAGÃO DO MAR

ONG VELAUMAR

CEARÁ 50 ANOS CULTURA

CEARÁ GOVERNO DO ESTADO

Fonte: Felipe Camilo (2021)

No entanto, em entrevista com Entrevistada 5, ela relata que os moradores do Poço da Draga sentem certa mágoa do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, pois existe um certo distanciamento e invisibilidade que é atribuído a comunidade “e de não os reconhecer como

potências né, muitas vezes reconhecê-los só como carências, não dar as devidas oportunidades, (...) é unânime essa queixa deles serem sempre vistos como os coitadinhos e não como a potência que são” (Depoimento em entrevista).

Entrevistada 1, líder da ONG Velaumar, é funcionária do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura há 22 anos, ela coordena um projeto de programação infantil, conhecido como “Brincando e Pintando no Dragão”, ela explica que os estagiários do projeto são alunos da comunidade do Poço da Draga e de outra comunidade chamada Graviola, que também fica na Praia de Iracema. No entanto, o funcionamento do programa infantil está parado por conta da pandemia.

E pra mim como professora né, eu vejo que a carta que nós temos na manga mesmo pra poder estimular esses meninos a novos horizontes sabe. E aí hoje a gente está com 12 estagiários né, mas são meninos que quando surge uma oportunidade de efetivação dentro da instituição eles tem a oportunidade de se candidatar e de participar. (...) Falta muito ainda sabe? Eu mesmo cobro isso do Dragão, (...) ta faltando aí valorizar essa função social que deveria ter um atendimento muito mais amplo aos outros moradores, é pequeno (ENTREVISTADA 1, DEPOIMENTO DA ENTREVISTA).

Também foi realizada uma entrevista com o sócio e fundador do coletivo “Fundo da Caixa” que se localiza no Poço da Draga e que atua por meio do organizar de práticas coletivas diversas junto à comunidade. O Entrevistado 3, explica que o início do coletivo foi o sonho de que o coletivo fosse “*um espaço pra uso da comunidade, em relação a cultura*” (Depoimento da entrevista). Em seu discurso, e apontado diversas vezes em como o Poço da Draga é marginalizado da sociedade de Fortaleza por ser um local periférico e por não ter regulação fundiária.

(...) o Poço da Draga é um bairro que é segregado do espaço. Porque assim, do lado do Poço da Draga a gente tem o Centro de Arte Dragão do Mar. Mas o Centro de Arte Dragão do Mar não exatamente foi feito para a comunidade. Ele na verdade é um centro para a parte turística de Fortaleza, e acaba um pouco segregando os moradores né de periferia por ter algumas exposições pagas né, e por ser paga já exclui uma grande parte da população, e aí o que a gente ver em torno do Dragão do Mar são vários bares entre aspas “elitistas” e acaba cada vez mais segregando o Poço da Draga do seu entorno. Tipo o Poço da Draga ele também ta tipo do lado da Caixa Cultural, e a gente não vê projeto destinado pra lá. Os projetos são mais pra Fortaleza inteira né. (...) Então o que eu acho que falta ali no Poço da Draga são políticas da juventude voltadas pros jovens de lá (...). Por ser grafiteiro e ter esse projeto social e querer um futuro melhor pra comunidade também e essas coisas que eu to falando assim não... tipo, o que eu almejo para aquele lugar é algo melhor. (ENTREVISTADO 3, DEPOIMENTO DA ENTREVISTA).

Ainda explica que estão construindo um projeto de inclusão dentro da comunidade, que o espaço do coletivo seja um local acolhedor para os moradores “*um conceito de*

urbanidade né, levar o local pra se tornar um local mais receptivo sabe” (Depoimento da entrevista). O Entrevistado 3, comenta que locais muito “chiques” acabam afastando os moradores da comunidade por não ser um ambiente receptivo a eles, e que o coletivo inclui todos.

(...) aí a gente começou o coletivo em março de 2020, no meio da Pandemia, um pouco também assim pra contestar né. Um pouco a pandemia também, porque assim a pandemia, o certo era a gente estar todo mundo em casa. Direitinho nas suas casas, mas como é que você vai fazer isso dentro de uma comunidade. Onde moram 20 pessoas dentro de uma casa que é minúscula. Então, essa realidade já não existe. E estão colocando como certo né. Então, o coletivo teve essa importância na pandemia de ser um local de refúgio. De refúgio para artistas e para as pessoas que estão no ócio né (ENTREVISTADO 3, DEPOIMENTO DA ENTREVISTA).

Ademais, quando questionado sobre o conhecimento do projeto cancelado pela Unesco e da criação do Distrito Criativo, ele respondeu que não tem conhecimento sobre o assunto, expressando surpresa em relação a este projeto da Unesco, pois: *“eu nunca soube que ele existia”* (Depoimento da entrevista).

Figura 15 - Grafites realizados pelo Coletivo Fundo da Caixa



Fonte: Coletivocfc (2021) no Instagram

Outra entrevista com um morador e líder comunitário do Poço da Draga (Entrevistado 2), sendo um dos fundadores do projeto “Composta Poço” que organiza práticas de espaço sustentáveis na gestão dos resíduos orgânicos e compostagem comunitária, conta que:

Atualmente eu trabalho com agricultura orgânica e por conta disso também ajudo muito também na horta comunitária aqui do Poço (Depoimento da entrevista). Para o Entrevistado 2, o principal objetivo do projeto “Composta Poço” é a educação ambiental e o manejo dos resíduos orgânicos, as pessoas “começam a entender que o lixo (...) pode ser reciclado através de uma tecnologia ambiental (...) você começa a entender que o lixo que poderia ser um problema vira uma solução (...)” (ENTREVISTADO 2, DEPOIMENTO DA ENTREVISTA).

O Entrevistado 2, também respondeu que já ouviu falar sobre o Distrito Criativo,

por meio do contato com a Entrevistada 5, a representante da Prefeitura de Fortaleza. Segundo o entrevistado “(...) houve um tempo inclusive à época do conselho gestor das ZEIS, bem na época mesmo, ela incentivou muito a gente assim, a gente fez formação sabe, vários encontros, mas a coisa não engatou porque enfim não era o momento de acontecer” (Depoimento da entrevista). Questionado sobre quais tipos de projeto foram mencionados pela Entrevistada 5, o Entrevistado 2 respondeu que foi contatado para auxiliar na organização de um Observatório sobre a comunidade do Poço da Draga: “Mas, (...) a Entrevistada 5 citou esse projeto, mas ela não entrou muito em detalhes” (Depoimento da entrevista) e até hoje este projeto ainda não foi implementado.

Figura 16 - Local de compostagem do projeto Composta Poço



Fonte: Compostapoco (2021) no Instagram

A Entrevistada 1, também moradora do Poço da Draga e líder da Ong Velaumar, questionada sobre o seu conhecimento em relação ao projeto do Distrito Criativo, ela respondeu que aconteceram algumas reuniões no ano de 2019, porém enfatizou que não sabe muito bem do que se trata o Distrito Criativo, “Quem entrou em contato conosco foi o pessoal do Observatório, a Entrevistada 5 (referindo-se ao Observatório da Cidade de Fortaleza do IPLANFOR). “Nos conhecemos e aí por conta do IPLANFOR (Instituto ligado a Prefeitura de Fortaleza), que era um espaço onde a gente tinha reuniões por conta das ZEIS (...), a gente chegou nesse distrito (...). Eu não sei muito bem o que significa o distrito criativo” (Depoimento da entrevista). O Entrevistado 4, membro do conselho e gestor das ZEIS do Poço da Draga, é um dos líderes comunitário e gestor de alguns projetos voltados para a comunidade, como o “Expresso 110”, “Movimento ProPoço” e “Composta Poço”, que organizam diferentes práticas de espaço, caracterizadas como de pertencimento e de sustentabilidade. Quando

interrogado sobre seu conhecimento do Distrito Criativo, o Entrevistado 4 revelou que conhece esse projeto desde 2016, e que foi convidado pela Entrevistada 5 para a construção de um observatório dentro da comunidade, *“Eu já ouvi falar sim, (...) estávamos construindo o observatório do poço da draga, tudo isso era pra ser incluído neste distrito criativo”*. O último projeto concebido pelo Entrevistado 4 no Poço da Draga é o Cine Lata D’água, projeto para ser desenvolvido neste ano de 2022. Ele conta que o *“Robinho vai dar aula de arte e a gente vai fazer o Cine Clube, que é o Cine Lata D’água, com temática para as crianças, são vídeos que foram feitos dentro da comunidade por moradores da comunidade e por outros entusiastas”*. Logo na entrada do Poço da Draga, se encontram cartazes relacionados ao projeto.

Figura 17 - Convite para o Cineclub



Fonte: elaborado pela autora

Como vimos conforme pesquisas documentais realizadas, na comunidade do Poço da Draga, estão sendo organizadas diversas práticas de espaço, artístico criativas, educacionais, sustentáveis, históricas, culturais e identitárias, audiovisuais, turísticas e festivas, do tipo, predominante, táticas, demonstrando que a comunidade não é um ator passivo, do olhar distante em relação às práticas de uma estratégia institucionalizada, referente à gestão da cidade de Fortaleza e as práticas de uma transformação criativa da cidade. Dessa forma, essas práticas contribuem para o organizar ao distrito criativo de forma a subverter a direção de baixo da cima e de cima para baixo. Nesse sentido, o Poço da Draga se integra por si só a cidade criativa da UNESCO.

Observa-se que a comunidade está atuando no sentido de burlar esta ordem estabelecida e são operadas no sentido de permanência/sobrevivência, colocando em prática no espaço um conjunto de táticas, criativas, ainda escondidas, sub-reptícias, na tentativa de vencer

este sistema sobreposto (CERTEAU, 1994). Dessa forma, se o Poço da Draga resiste em meio as áreas mais valorizadas da capital, é devido a toda a sua luta e resistência que parte dos seus próprios moradores.

[...] até sistema de esgoto tiveram que construir, devido ao completo descaso do poder público. Nesses 115 anos de vida, desejo que a comunidade continue escapando do olhar colonizador daqueles que tentam usá-la em benefício próprio e das iniciativas higienistas que querem empurrar goela abaixo a ideia de uma “cidade entretenimento”. E que seja finalmente reconhecida e valorizada por sua brava gente e rica história (ARAÚJO, 2021).

Podemos evidenciar alguns dos movimentos táticos, materializados em projetos que se encontram em prática pela ação dos moradores do Poço da Draga:

Quadro 7 - Projetos encontrados no Poço da Draga

(continua)

Nome do projeto	Descrição
ArteVistas	Grupo que realiza práticas relacionadas às atividades culturais e de aprendizagem;
Bloco Cai no Poço	Práticas festivas relacionadas a organização do bloco de carnaval do Poço da Draga
Coletivo Fundo da Caixa	Grupo formado por artistas independentes com o objetivo de promover práticas artísticas e culturais
Composta Poço	Projeto de práticas sustentáveis que visa conscientizar a comunidade do Poço da Draga acerca do remanejamento adequado dos resíduos sólidos orgânicos em uma estação comunitária e compostagem
Dragaleria	Projeto de práticas artísticas como a fotografia sobre a memória da comunidade do Poço da Draga;
Feirinha do Poço	Projeto de práticas empreendedoras, arte e movimento que estimula os moradores e visitantes a se reunirem no Poço da Draga para desenvolver o sentimento de pertencimento do lugar.
Expresso 110	Projeto das Estações que organizou um percurso de práticas espaciais onde se exerce a prática de caminhadas a pé de grupos de pessoas, acompanhado por um guia morador, para a visita turística dos lugares de relevância histórica e ligados à identidade do Poço da Draga
Movimento ProPoço	Movimento composto por moradores e entusiastas que se interessam pela causa de pertencimento à comunidade do poço da Draga
Velaumar	ONG que atua com práticas de capacitação profissional e atividades socioeducativas para a população do Poço da Draga.
Poço de cultura	Projeto que visa, a partir de um processo contínuo de práticas de capacitação artística e cultural, desenvolver as potencialidades da comunidade Poço da Draga.
Resenha do Poço	Projeto que reúne memórias do Poço da Draga em foto, áudio e vídeo.
Rolé na PI	Projeto de percursos de práticas espaciais nas localidades da Praia de Iracema e seu entorno. Além de visar o entusiasmo dos jovens moradores com a atividade do Turismo Comunitário como fonte de renda.
Rolê Fotográfico	Projeto que estimula as práticas fotográficas, convidando fotógrafos para baterem fotos na comunidade do Poço da Draga.
Comunidades Criativas	Projeto que visa e cria transformação a partir do designer e do reuso de sacos plásticos, na comunidade do Poço da Draga.
Calçada das Latas d'água	Projeto de práticas audiovisuais que visa reunir as crianças do Poço da Draga para assistirem vídeos sobre a própria comunidade feitos pelos moradores e entusiastas

Fonte: elaborado pela autora

A entrevistada 5, uma das gestoras do projeto do Distrito Criativo comenta que futuramente pretende fazer um mapeamento dos projetos citados acima além dos outros projetos que existem na Praia de Iracema como um todo, não só no Poço da Draga, *“será uma coisa basilar pro nosso planejamento estratégico, que é justamente esse levantamento não só dos projetos, mas, por exemplo, dos perfis profissionais dessas comunidades”* (Depoimento da entrevista).

No entanto, evidencia-se que nenhuma das práticas de espaço citadas anteriormente estão contempladas no projeto Plano de Ação Territorial (2018) e ou no site oficial da Fortaleza Criativa (2020). Esse conjunto de práticas de espaço organizadas pela comunidade do Poço da Draga revelam formas específicas de operações, modos de proceder astuciosos, articulados por uma criatividade dispersa e inventiva. Ao focalizarmos o contexto dessa “marginalidade de uma maioria”, distinguimos estas maneiras de fazer e desvendamos as potencialidades criativas nestas práticas, do tipo táticas, confrontando-se, mas também articulando-se com os espaços geridos pelas instituições governamentais ao atuarem como “organizadoras de lugares” (CERTEAU, 1994).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa nos apoiamos nas práticas de espaço de Michel de Certeau para compreender o organizar do Poço da Draga em reação ao Distrito Criativo da cidade de Fortaleza. Nesta seção iremos apresentar sobre como os objetivos específicos foram alcançados, as contribuições da pesquisa, e suas limitações.

A questão de pesquisa a ser respondida era: Como ocorre a organização da comunidade do Poço da Draga e sua integração na Cidade Criativa do Design? E para respondê-la formulamos os objetivos específicos, que são: mapear os espaços urbanos envolvidos no Distrito Criativo de Fortaleza a partir do design dos bairros envolvidos: Praia de Iracema, Centro e a comunidade do Poço da Draga; identificar e descrever práticas de espaço e de design no organizar do Distrito Criativo de Fortaleza; analisar a integração das práticas de espaço da comunidade do Poço da Draga no organizar do Distrito Criativo da cidade do design.

Identificamos os principais espaços dos bairros envolvidos, que são compreendidos pelos bairros da Praia de Iracema e Centro da cidade de Fortaleza. O processo de formação desses bairros explica o porquê de existirem espaços marginalizados e com menos oportunidades do que outros espaços ao redor que são considerados ricos. A aglomeração urbana no estado do Ceará se deu principalmente pelas migrações de pessoas para cidade por conta da pobreza, seca, fome e falta de emprego. E foi no espaço da orla marítima de Fortaleza que a maioria dessas pessoas se encontram, e até hoje, sofrem como a precariedade de moradias e de assistência básica.

Dentro desses espaços, destaca-se a comunidade do Poço da Draga, ela é situada a extremo oeste do bairro da Praia de Iracema. A relação do Poço da Draga com os outros dois bairros citados anteriormente são de conflito. A comunidade vem resistindo há mais de 100 anos sucessivas tentativas de remoção, pois a visão que é dada aos espaços urbanos da cidade de Fortaleza é voltada para o lazer das camadas sociais mais abastadas e da contínua exploração turística. Nessa relação, não há lugar para as comunidades pobres, pois elas são metodicamente empurradas para às periferias urbanas.

O Poço da Draga ainda mantém relações com os espaços e bairros ao seu redor, a vida cotidiana e social é praticada todos os dias, seus moradores tanto convivem com as pessoas ao redor do bairro como as instituições que a cerca. É nesse engajamento social (Certeau, 2009) que o Poço da Draga enxerga como oportunidade para atuar na sociedade com diversas práticas e táticas de resistências que dão forma nos projetos sociais/culturais/econômicos organizados pelos próprios moradores. Essas táticas e formas de resistências sobrevivem em um território

de extrema disputa e poderes, elas mostram ainda como sua organização desafia os processos de planejamento das instituições formalizadas e ainda questiona a produção do espaço.

Além disso, o sentimento de pertencimento que os líderes dos projetos reconhecem nos seus moradores fortalecem ainda mais o discurso de apropriação do espaço que ocorre no Poço da Draga. Nesse sentido, o território é conhecido por ser ligado de forma simbólica a essas relações de poder e tentativa de controle sobre o espaço da comunidade, ou seja, toda a sua história, a sua vivência e as suas práticas são de forma conjunta questões que legitimam o seu espaço.

Dessa forma, os moradores do Poço da Draga e seus projetos evidenciaram um organizar de práticas de espaço criativas, ainda escondidas, sub-reptícias, mas com potencialidade para atuarem na integração da comunidade do Poço da Draga ao Distrito Criativo da Praia de Iracema/Centro da cidade de Fortaleza. Percebe-se que a comunidade não fica parada e não é passiva em relação aos dispositivos de poder e estratégia que a tentam marginalizar. Nos últimos anos diversos projetos foram nascendo, projetos que juntam práticas criativas, seus moradores e a cidade, como: ArteVistas, Bloco Cai no Poço, Coletivo Fundo da Caixa, Composta Poço, Dragaleria, Feirinha do Poço, Expresso 110, Movimento ProPoço, Velaumar, Poço de cultura, Resenha do Poço, Rolé na PI, Rolê Fotográfico, Comunidades Criativas e Calçada das Latas d'água. Estas maneiras de fazer que se constituem como práticas de espaço criativas e que apesar de ainda se manterem ocultas pelas estratégias dos dispositivos do poder, parecem garantir uma (re)apropriação cotidiana dos espaços que (re)surgem como lugares praticados pelos moradores do Poço da Draga. Esse conjunto de ações táticas está articulando uma politização das práticas cotidianas no contexto do Poço da Draga e em relação a Cidade Criativa do Design chancelada pela Unesco. Além disso, essas práticas identificadas revelam que o Poço da Draga vem se organizando junto à cidade em uma dinâmica que transita entre a resistência e o apagamento.

Nos documentos oficiais (Fortaleza 2040, Rotas Estratégicas Setoriais 2025 e o Plano de Ação Territorial) da Prefeitura de Fortaleza no tocante da Cidade Criativa e na criação do Distrito Criativo, o Poço da Draga é citado apenas cinco vezes no documento do Plano de Ação Territorial – Distritos e Cidades Criativas. Os pontos abordados nos documentos são: instalação de Areninha no Poço da Draga; regularização fundiária da Zona Especial de Interesse Social do Poço da Draga; formação específica para as 3 zonas de vulnerabilidade social na região do Distrito Criativo de Fortaleza (Poço da Draga, Graviola e Morro do Ouro); incentivar a pintura das casas do poço da draga - parceria com tintas; instalar um ponto fixo do ECOENEL - Container que dá desconto na conta de energia da Associação do Poço da Draga.

As entrevistas feitas com as duas gestoras de projeto do Distrito Criativo de Fortaleza demonstraram que a comunidade e seus líderes e moradores só foram contatados para a criação de um Observatório de Favela dentro do Poço da Draga, e mesmo assim, esse projeto e reuniões não se encontram em nenhum local dos documentos oficiais que são concedidos para consulta pública no site oficial do Fortaleza Criativa. Ademais, em conversa com os moradores foi constatado que a maioria dos entrevistados não conheciam o a criação do Distrito Criativo de Fortaleza e que o único contato feito com a comunidade foi sobre a criação do observatório de favela citado anteriormente.

Á vista disso, e com base nestas análises é possível pressupor que a racionalidade urbanística que parece prevalecer nas estratégias governamentais relacionadas à implementação do Projeto Unesco Fortaleza Cidade Criativa do Design não estabelece uma clara identificação entre a “cidade” de Fortaleza e o “conceito” que está sendo proposto. Particularmente, a instalação do Distrito Criativo que está sendo planejado nos bairros da Praia de Iracema/Centro da cidade de Fortaleza, parece não reconhecer a pluralidade de práticas criativas que estão sendo organizadas, cotidianamente, pelos moradores da comunidade do Poço da Draga.

Por fim, apontamos como principal limitação do trabalho a pandemia, que impossibilitou o contato direto para a realização de entrevistas e a coleta de dados em geral. Assim como impossibilitou a realização dos procedimentos metodológicos de observação de todos os espaços urbanos envolvidos. Como o contato com os entrevistados se deu por sua maioria pela internet, barreiras como acesso à internet de boa qualidade para realização de chamadas de áudio e vídeo e demora nas respostas de confirmação para as entrevistas foram encontradas. Além disso, uma única visita foi feita no dia 09 de dezembro de 2021 quando a segunda dose da vacina da maioria das pessoas na cidade de Fortaleza já tinha sido aplicada. Logo após, veio o surto da gripe Influenza que impossibilitou uma nova visita a comunidade e novas coletas de dados por observação no entorno dos bairros da Praia de Iracema e do Centro.

Com a finalidade de concluir esta escrita, sugerimos para que trabalho futuros executem e desenvolvam o método de observação dos espaços urbanos citados nessa pesquisa. Além disso, recomendamos desenvolver futuras pesquisas pesquisa após a conclusão do tempo de execução do projeto Fortaleza Cidade Criativa da UNESCO, para verificar como este processo de integração do poço da draga no organizar do distrito criativo foi realizado. Por fim, também propomos a realização de pesquisas que foquem na organização de outras cidades criativas e distritos criativos brasileiros.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, André Araújo. **Segregação urbana na contemporaneidade: o caso da Comunidade Poço da Draga na cidade de Fortaleza**. 2015. 259 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, Fortaleza, 2015.
- ANGROSINO, Michael V. **Etnografia e observação participante**. 2009.
- ARAÚJO, Ana Maria Matos; CARLEIAL, Adelita Neto. O processo de metropolização em Fortaleza: uma interpretação pela imigração. **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, v. 5, 2001.
- ARAÚJO, Leonardo. Poço da Draga: uma história de resistência. **Bemditojor**, Fortaleza, 26 jun. 2021. Disponível em: <https://bemditojor.com/poco-da-draga-uma-historia-de-resistencia/>. Acesso em: 7 set. 2021.
- ASHTON, M. S. G. Cidades criativas: vocação e desenvolvimento. **Novo Hamburgo: Feevale**, 2018.
- ASHTON, Mary Sandra Guerra et al. Cidade Criativa do Design da Rede Unesco. Evidências e Percepções dos Turistas em Montreal. **Desenvolvimento em Questão**, v. 14, n. 36, p. 352-377, 2016.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BESSA, Edson Alencar Collares de. **O Poço da Draga e a construção do Acquario Ceará**. 2015. 135 f., il. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- BEZERRA, Mariana Maia; IPIRANGA, Ana Silvia Rocha. Performando a história de uma política pública à luz da ANTi-History. **Revista de Administração Pública**, v. 55, p. 679-696, 2021.
- BEZERRA, Roselane Gomes. **O bairro Praia de Iracema entre o "adeus" e a "boemia": usos, apropriações e representações de um espaço urbano**. 2008. 231f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza (CE), 2008.
- BEZERRA, Roselane Gomes. Praia de Iracema: requalificação e ocupação do espaço em um bairro turístico do Nordeste do Brasil. 30º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais ANPOCS. **GT: Cidades: sociabilidades, cultura, participação e gestão**. Caxambu-MG, 2006.
- BOAS, Luana Furtado Vilas; ICHIKAWA, Elisa Yoshie. Migrantes cortadores de cana-de-açúcar no Paraná: práticas cotidianas e processos de territorialização em meio ao trabalho precário. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 18, p. 172-183, 2020.
- BRETAS, Paula Fernandes Furbino; SARAIVA, Luiz Alex Silva. Práticas de Controle e Territorialidades na cidade: Um estudo sobre lavadores e flanelinhas. **GESTÃO. Org**, v. 11,

n. 2, p. 247-270, 2013.

CALLEFI, Jéssica Syrio; ICHIKAWA, Elisa Yoshie. O cotidiano e a territorialização dos idosos em um asilo do Norte do Paraná. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 20, n. 2, p. 350-371, 2021.

CARRIERI, A. P.; MARANHÃO, C. M. S. A.; MURTA, I. B. D. Crítica ao manejo humano em Belo Horizonte. **Revista de Administração Pública**, v. 43, n. 6, p. 1315-1342, 2009.

CARRIERI, Alexandre de Pádua; SARAIVA, Luiz Alex Silva; PIMENTEL, Thiago Duarte. A institucionalização da feira hippie de Belo Horizonte. **Organizações & Sociedade**, v. 15, p. 63- 79, 2008.

CARRIERI, Alexandre et al. Estratégias subversivas de sobrevivência na “feira hippie” de belo horizonte. **GESTÃO. Org**, v. 6, n. 2, p. 174-192, 2008.

CAVALCANTE, Ângela. Perfil dos bairros facilita captação de negócios. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 16 maio 2015. Negócios. Disponível em: <https://diarionordeste.verdesmares.com.br/negocios/perfil-dos-bairros-facilita-captacao-de-negocios-1.1293769>. Acesso em: 14 dez. 2021.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de. Giard, Luce; Mayol, Pierre. **A invenção do cotidiano**, v. 2, p. 32, 2009.

COIMBRA, Kary Emanuelle Reis; SARAIVA, Luiz Alex Silva. Confrontos entre o espaço produzido e o espaço vivido em Belo Horizonte: um estudo sobre o quarteirão do soul. **Revista Economia & Gestão**, v. 14, n. 37, p. 28, 2014.

COIMBRA, Kary Emanuelle Reis; SARAIVA, Luiz Alex Silva. Territorialidade em uma organização-cidade: o movimento quarteirão do soul. **Gestão & Regionalidade**, v. 29, n. 86, p. 34-46, 2013.

COLARES, André Felipe Vieira; SARAIVA, Luiz Alex Silva. Problematizando o “Velho” e o “Idoso” sob a ótica do Capital. **NAU Social**, v. 7, n. 12, 2016b.

COLARES, André Felipe Vieira; SARAIVA, Luiz Alex Silva. Representações sociais da cultura em Belo Horizonte. **Revista Gestão & Conexões**, v. 5, n. 1, p. 19-37, 2016a.

COLETIVOCFC. **Projeto Beco In cores**. 9 mar. 2021. Instagram @coletivocfc. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CMMu7qQFzUR/>. Acesso em: 27 dez. 2021.

COMPOSTAPOCO. **Estação de compostagem comunitária**. Fortaleza. 01 fev. 2021. Instagram @compostapoco. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CKxQgDEF8VO/>. Acesso em: 27 dez. 2021.

COOPER, Robert. The Open Field. **Human Relations**, v. 29, n.11, p. 999-1017, 1976.

COSTA, Sabrina Studart Fontenele. Praia de Iracema e a revitalização de seu patrimônio histórico. **Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da**

FAUUSP, n. 18, p. 48-59, 2005.

DA SILVA RODRIGUES, Fábio; ICHIKAWA, Elisa Yoshie. O cotidiano de um catador de material reciclável: A cidade sob o olhar do homem ordinário. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, v. 9, n. 1, p. 97, 2015.

DA SILVA, Alfredo Rodrigues Leite; DE PÁDUA CARRIERI, Alexandre; JUNQUILHO, Gelson Silva. A estratégia como prática social nas organizações: articulações entre representações sociais, estratégias e táticas cotidianas. **Revista de Administração**, v. 46, n. 2, p. 122-134, 2011.

DA SILVA, Maria Ivoneide Gois. **Territórios da Memória: Poço da Draga**. 1. ed. Fortaleza: Produção independente, 2019.

DE ALMEIDA, Gabriel Antunes Ferreira. Retórica do caminhar, uma geografia poética/The Rhetoric of Walking, a Poetic Geography. Aletria: **Revista de Estudos de Literatura**, v. 28, n. 3, p. 135-148, 2018.

DE JONGE, Derk. Images of urban areas their structure and psychological foundations. **Journal of the American Institute of Planners**, v. 28, n. 4, p. 266-276, 1962.

DE SOUSA, Marcelo Ferreira; DA SILVA MELLO, Adilson; COLVARA, Lauren Ferreira. Cidades Criativas da Unesco no Brasil: uma pesquisa exploratória sobre o comportamento do poder público na implementação de estratégias e estratégias voltadas à economia da cultura durante a pandemia provocada pela COVID-19. **Revista Ciências Humanas**, v. 13, n. 2, p. 16- 27, 2020.

DE SOUZA, Maria Salete. Segregação socioespacial em Fortaleza. **Litoral e Sertão**, 2006.

DEPINÉ, Á.; MEDEIROS, D.; BONETTI, G.; VANZIN, T. Cidades criativas e o componente cultural no desenvolvimento urbano. In: DEPINÉ, Ágatha; TEIXEIRA, Clarissa. (Org.). **Habitats de inovação: conceito e prática**. 1ed. São Paulo: Perse, 2018, v. 1.

FAISSOL, Speridião. O espaço, território, sociedade e desenvolvimento brasileiro. In: **O espaço, território, sociedade e desenvolvimento brasileiro**. 1994. p. 308-308.

FANTINEL, Letícia Dias; CAVEDON, Neusa Rolita. A cultura organizacional do restaurante Chalé da Praça XV em Porto Alegre: espaços e tempos sendo revelados. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 11, p. 6-37, 2010.

FANTINEL, Leticia Dias; FISCHER, Tânia Maria Diederichs. Organizações e contextos urbanos: os cafés e as sociabilidades. **Gestão e Sociedade**, v. 6, n. 15, p. 280-307, 2012.

FELIPE CAMILO. **Exposição Poço 115: Rastros na cidade**. Fortaleza. 20 dez. 2021. Instagram: @felipecamilo. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CXtpluaF3Tp/>. Acesso em: 27 dez. 2021.

FISCHER, Tânia. A cidade como teia organizacional: inovações, continuidades e ressonâncias culturais Salvador, BA, cidade puzzle. **Revista de Administração Pública**, v. 31, n. 3, p. 74 a 88-74 a 88, 1997.

FISCHER, Tânia. Gestão contemporânea, cidades estratégicas: aprendendo com fragmentos e reconfigurações do local. **Gestão contemporânea: cidades estratégicas e organizações locais**, v. 2, p. 13-23, 1996.

FORTALEZA CRIATIVA. **Fortaleza, uma cidade que vive a criatividade**. In: Fortaleza, uma cidade que vive a criatividade. Fortaleza, 2020. Disponível em: <https://www.fortalezacriativa.com/>. Acesso em: 1 maio 2021.

FORTALEZA, Instituto de Planejamento de Fortaleza. Poço da Draga: Zeis Prioritárias. Fortaleza: **Prefeitura de Fortaleza**, 2 fev. 2009. Disponível em: <https://zonasespeciais.fortaleza.ce.gov.br/zeisp/3>. Acesso em: 16 nov. 2021.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 25 ed. Organização Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2012.

FUNES, Euripedes Antonio. **Negros no Ceará. Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Demócrito Rocha, p. 103-132, 2000.

GHERARDI, Silvia. Practice? It's a matter of taste!. **Management Learning**, v. 40, n. 5, p. 535-550, 2009.

GHERARDI, Silvia. Practices and knowledges. **Teoria e Prática em Administração (TPA)**, v. 8, n. 2, p. 33-59, 2018.

GIDDENS, Anthony. **The consequences of modernity**. John Wiley & Sons, 2013.

GONDIM, Linda MP. A favela depois do estatuto da cidade. Novos e velhos dilemas à luz do caso do poço da draga (Fortaleza-CE). **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (RBEUR)**, v. 10, n. 2, p. 97-114, 2008.

GRINOVER, Lucio. A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade. **Revista hospitalidade**, v. 3, n. 2, p. 29-50, 2006.

HIERNAUX, Daniel. Los imaginarios urbanos: de la teoría y los aterrizajes en los estudios urbanos. **Eure (Santiago)**, v. 33, n. 99, p. 17-30, 2007.

HONORATO, Bruno Eduardo Freitas; SARAIVA, Luiz Alex Silva. Cidade, população em situação de rua e estudos organizacionais. **Desenvolvimento em questão**, v. 14, n. 36, p. 158-186, 2016.

HONORATO, Bruno Eduardo Freitas; SARAIVA, Luiz Alex Silva; DA SILVA, Everton Rodrigues. A construção social da ordem e da subversão nos discursos da (e sobre a) população em situação de rua de Belo Horizonte. **Revista Organizações em Contexto**, v. 13, n. 26, p. 339-383, 2017.

HOWKINS, John. **The creative economy: How people make money from ideas**. Penguin UK, 2002.

INSTITUTO DE PLANEJAMENTO DE FORTALEZA. **Poço da draga: Zeis prioritárias**.

2021. Disponível em: <https://zonasespeciais.fortaleza.ce.gov.br/zeisp/3>. Acesso em: 12 abr. 2021.
- IPIRANGA, A. S. R.; LOPES, L. L. S. O Organizar da Estética Espacial: Uma História Táctil da Praça dos Leões. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v. 11, n. 3, set/dez., 2016.
- IPIRANGA, Ana Sílvia Rocha. A cultura da cidade e os seus espaços intermediários: os bares e os restaurantes. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 11, n. 1, p. 65-91, 2010.
- JAIME JÚNIOR, Pedro; SERVA, M. Observação participante e pesquisa em administração: uma postura antropológica. **Encontro nacional dos programas de pós-graduação em administração**, v. 18, p. 153-170, 1994.
- JÚNIOR; PEREIRA, ALESSANDRA PAULINA. Condomínios Horizontais Fechados: segregação do espaço social. **REA-Revista Eletrônica de Administração**, v. 7, n. 1, 2008.
- LANDRY, C. **Origens e futuro da cidade criativa**. São Paulo: SESI, 2013.
- LANDRY, C.; BIANCHINI, F. **The Creative City**. London. Demos. 1995.
- LANDRY, Charles. **The creative city: A toolkit for urban innovators**. Earthscan, 2012.
- LEITÃO, Cláudia. Fortaleza e o seu primeiro Distrito Criativo. **Jornal O Povo**, Fortaleza, 23 fev. 2018. Opinião. <https://www.opovo.com.br/jornal/opiniao/2018/02/fortaleza-e-o-seu-primeiro-distritocriativo.html>. Acesso em: 05/ jul. 2021.
- LIMA, Hermano Machado Ferreira. Fortaleza Belle Époque—reforma urbana e controle social. **O Público e o Privado**, v. 9, n. 17 jan. jun, p. 173-175, 2011.
- LIMA, Paulo César Cunha. **A produção do espaço na cidade de Fortaleza-CE: uma análise das ações, políticas, projetos e planos diretores**. 2013. 122 f. Tese - (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/104300>>.
- LOPES, L. L. S.; IPIRANGA, A. S. R. A. História dos Espaços Urbanos Contribui para a Gestão Atual e Futura da Cidade? **Políticas Públicas para Cidades**. Cadernos do Observatório, v.7, n.7, p. 56-61, Fortaleza: IPLANFOR, 2019.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. 3ª edição. WMF Martins Fontes. São Paulo, 2011.
- MAC-ALLISTER, Mônica. A cidade no campo dos estudos organizacionais. **Organizações & Sociedade**, v. 11, p. 171-181, 2004.
- MACHADO, Eduardo Gomes. Desigualdades e segregações socioespaciais em Fortaleza, Brasil: uma análise a partir da Praia do Futuro. **O Público e o Privado**, v. 15, n. 30 jul. dez, p. 179-207, 2017.
- MACHADO, Rafael Carvalho; CHROPACZ, Franciely; BULGACOV, Yara Lucia Mazzioti. Epistemologia de Certeau e sua Contribuição para os Estudos Baseados em Prática em Organizações. **Revista Ciências Administrativas**, v. 26, n. 2, 2020.

MACHADO-DA-SILVA, Clóvis L.; DA FONSECA, Valéria Silva. Configuração Estrutural da Indústria Calçadista de Hamburgo-RS. **Organizações & Sociedade**, v. 2, n. 3, 1994.

MARINS, Simony Rodrigues; IPIRANGA, Ana Silvia Rocha. O organizar ampliado de práticas cotidianas. *Farol-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, v. 4, n. 9, p. 148-204, 2017.

MARQUES, LÉNIA; RICHARDS, G. Creative districts around the world. **Creative Districts (2014th ed.)**. Breda: NHTV, Breda, 2014.

MEDEIROS, C. R. O.; VALADÃO JÚNIOR, V. M.; FERREIRA, A. P. Condomínios Horizontais Fechados: segregação do espaço social. **Revista Eletrônica de Administração – FACEF**. V. 11, ed. 12, jan./jun. 2008.

MENDES, Luciano; CAVEDON, Neusa Rolita. A atividade de camelô como prática urbana no contexto das cidades. **urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 4, p. 123-140, 2012.

MENEZES, R. A. G; IPIRANGA, A. S. R. **The Cultural Turn and Strategy as Practice Approach**: UNESCO Fortaleza Creative City of Design Project. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO INTERDISCIPLINAR DE ECONOMIA CRITIVA, 2020, Rio de Janeiro.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. In: Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 2016. p. 95.

MUZZIO, Henrique. CIDADES CRIATIVAS DA UNESCO: REGISTROS DE DESIGN E ARTESANATO EM CAPITAIS DO NORDESTE. **Farol-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, v. 8, n. 21, p. 263-289, 2021.

NASCIMENTO, Marco César Ribeiro et al. Com que cor eu vou pro shopping que você me convidou? **Revista de Administração Contemporânea**, v. 19, p. 245-268, 2015.

NASCIMENTO, Marco César Ribeiro et al. Práticas de segregação e resistência nas organizações: Uma análise discursiva sobre os “rolezinhos” na cidade de Belo Horizonte (MG). **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 17, p. 55-81, 2016.

NOGUEIRA, A. M. A. **Possibilidades e desafios de práticas insurgentes: o caso da comunidade Poço da Draga**, Fortaleza, Brasil. 2019. 262 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Design) – Centro de Tecnologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

OLIVEIRA, Bruna Luyza Forte Lima. **Histórias da terra e do mar: narrativas sobre resistência na comunidade Poço da Draga**. 2018.142 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Fortaleza, 2018.

OLIVEIRA, Josiane Silva de; CAVEDON, Neusa Rolita. Micropolíticas das práticas cotidianas: etnografando uma organização circense. **Revista de Administração de Empresas**, v. 53, p. 156-168, 2013.

OLIVEIRA, Lais. Poço da Draga chega aos 114 anos preservando a memória coletiva de resistência. **Jornal OPovo**, Fortaleza, 26 maio 2020. Notícia, p. 1-27. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2020/05/26/poco-da-draga-chega-aos-114-anos-preservando-a-memoria-coletiva-de-resistencia.html>. Acesso em: 21 nov. 2021.

PERDIGÃO, Denis Alves; DE PÁDUA CARRIERI, Alexandre; SARAIVA, Luiz Alex Silva. DAS RUAS PARA OS SHOPPINGS POPULARES: o empreendedorismo informal no discurso dos camelôs e da Prefeitura de Belo Horizonte. **Perspectivas Contemporâneas**, v. 9, n. 1, p. 43-58, 2014.

PEREIRA, Edir. Resistência descolonial: estratégias e táticas territoriais. **Terra Livre**, v. 2, n. 43, p. 17-55, 2017.

PIMENTEL, Thiago Duarte et al. " Da basílica à feira... do oásis ao Shoppingleu": a trajetória das metáforas do Jubileu em Congonhas (MG). **Revista de Administração Pública**, v. 45, p. 45-66, 2011.

PLANO DE AÇÃO TERRITORIA. **Distritos e Cidades Criativas**. Fortaleza, 2018.

PLANO FORTALEZA 2040. **Dinamização econômica e Inclusão Produtiva**. Fortaleza, 2016.

RASCHE, A.; CHIA, R. **Strategy practices: what they are (not)**. In: EUROPEAN GROUP OF ORGANIZATION STUDIES (EGOS), 23, 2007, Viena.

RECKWITZ, Andreas. Toward a theory of social practices: A development in culturalist theorizing. **European journal of social theory**, v. 5, n. 2, p. 243-263, 2002.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Cidades criativas: análise de um conceito em formação e da pertinência de sua aplicação à cidade de São Paulo**. 2011. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

REIS, Ana CF; CRIATIVAS, Cidades. da teoria à prática. **São Paulo: SESI-SP**, 2012.

ROTAS ESTRATÉGIAS SETORIAIS. **Estudo Socioeconômico Turismo e Economia Criativa**. Fortaleza, 2017.

SANTOS, Leonardo Lemos da Silveira; SILVEIRA, Rafael Alcadipani da. Por uma epistemologia das práticas organizacionais: a contribuição de Theodore Schatzki. **Organizações & Sociedade**, v. 22, n. 72, p. 79-98, 2015.

SARAIVA, Luiz Alex Silva. O poeta e a cidade: um estudo semissimbólico sobre artefatos culturais. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 6, n. 1, p. 31-51, 2017.

SARAIVA, Luiz Alex Silva. Os Estudos Organizacionais e as cidades. **Cidades e estudos organizacionais: um debate necessário**. Ituiutaba: **Barlavento**, p. 21-74, 2019.

SARAIVA, Luiz Alex Silva; CARRIERI, Alexandre de Pádua. Organização-cidade: proposta de avanço conceitual a partir da análise de um caso. **Revista de Administração Pública**, v.

46, p. 547-576, 2012.

SARAIVA, Luiz Alex Silva; CARRIERI, Alexandre de Pádua; SOARES, Ari de Souza. Territorialidade e identidade nas organizações: o caso do Mercado Central de Belo Horizonte. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 15, p. 97-126, 2014.

SARAIVA, Luiz Alex Silva; DE PÁDUA CARRIERI, Alexandre. Uma Vida, Uma Cidade: Um Estudo Discursivo de uma Metonímia. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 3, n. 1, 2014.

SARAIVA, Luiz Alex Silva; MACHADO, Ana Maria Alves. Bipolaridade simbólica no Museu Histórico Abílio Barreto. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 5, n. 2, p. 01-14, 2007.

SARAIVA, Luiz. Alex. Silva.; IPIRANGA, Ana. Sílvia. Rocha. (Orgs.). **História, Práticas Sociais e Gestão das/nas Cidades**. 1ed. Ituiutaba, MG: Barlavento, v. 1, p. 10-24, 2020.

SCARPATO, Lenice Eli Lunkes; ASHTON, Mary Sandra Guerra; SCHREIBER, Dusan. Elementos para uma Cidade Criativa: Uma Análise de Kortrijk, Bélgica. **Rosa dos Ventos**, v. 13, n. 1, p. 109-122, 2021.

SCHATZKI, T. R. On organizations as they happen. **Organization studies**, v. 27, n. 12, p. 1863-1873, 2006.

SCHATZKI, Theodore. **Introduction: practice theory. The practice turn in contemporary theory**, 2001.

SEVERO, Luana. Poço da Draga comemora 114 anos com programação virtual. **Câmara Municipal de Fortaleza**, Fortaleza, 26 maio 2020. Disponível em: <https://www.cmfor.ce.gov.br/2020/05/26/poco-da-draga-comemora-114-anos-com-programacao-virtual/>. Acesso em: 9 nov. 2021.

SILVA, Clara Luisa Oliveira; SARAIVA, Luiz Alex Silva. O espetáculo por trás do canteiro de obras: estratégias discursivas dos projetos de revitalização na cidade olímpica. **Organizações e Sustentabilidade**, v. 7, n. 1, p. 32-46, 2019.

SILVA, Paulo Fernando Espíndola da. **Cidades criativas e desenvolvimento local: o caso de Guaramiranga, Ceará**. 2013. 53 f. TCC (graduação em Ciências Econômicas) - Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Fortaleza/CE, 2013.

SILVEIRA, E. G. da. Dossiê Unesco Fortaleza Cidade Criativa. **Políticas Públicas para Cidades**. Cadernos do Observatório, v.7, n.7, p. 19-27, Fortaleza: IPLANFOR, 2019.

SOUTHWORTH, Michael. Shaping the city image. **Journal of Planning Education and Research**, v. 5, n. 1, p. 52-59, 1985.

TEIXEIRA, Juliana; DE PÁDUA CARRIERI, Alexandre; PEIXOTO, Tereza Cristina. O cotidiano da cidade de belo horizonte na revista veja bh: A classe média alta, a cidade poderosa e os dilemas do planejado versus o vivido. **Revista Gestão & Conexões**, v. 4, n. 2, p. 7-40, 2015.

UNESCO. **Creative Cities Network**. 1 jan. 2019. Disponível em: <https://en.unesco.org/creative-cities/>. Acesso em: 14 dez. 2021.

VASCONCELOS, Luciana. Dragão do Mar promove live de lançamento de projeto que retrata moradores do Poço da Draga. **Ceará: Governo do Estado**, Fortaleza, 1 fev. 2021. Cultura. Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/2021/02/01/dragao-do-mar-promove-live-de-lancamento-de-projeto-que-retrata-moradores-do-poco-da-draga/>. Acesso em: 8 nov. 2021.

VIEGAS, Glauce Cristine Ferreira Santos; SARAIVA, Luiz Alex Silva. Discursos, práticas organizativas e pichação em Belo Horizonte. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 16, p. 68-94, 2015.

WITTMANN, T. Cidades criativas: ativos intangíveis como recurso central de criação de valor. **Via Revista**, Florianópolis, 6. ed., ano. 4, p. 5-10, abr. 2019.

ANEXOS

ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA MORADORES E LÍDERES DE PROJETO DO POÇO DA DRAGA

1. Poderia me falar sobre você?
2. Poderia apresentar o seu projeto?
3. Qual a história do projeto?
4. Como o projeto funciona?
5. Qual objetivo do projeto?
6. Qual a sua relação com o projeto?
7. Você reside na comunidade do Poço da Draga?
8. Qual foi o seu primeiro contato com o projeto?
9. Quais são as principais atividades exercidas dentro do projeto?
10. Poderia explicar qual a estrutura do seu projeto, se houver alguma?
11. Você já fez algum curso no dragão do mar?
12. Você já trabalhou em algum evento no dragão do mar ou em algum lugar da praia de Iracema?
13. Você conhece o projeto do Distrito Criativo que faz parte da chancela da UNESCO, deferida a cidade de Fortaleza na categoria de Design?
14. Qual a sua opinião sobre esse distrito?
15. Como você conheceu o projeto do Distrito Criativo?
16. O seu projeto está integrado ao projeto do Distrito Criativo?
17. Vocês foram convidados ou contatados por alguém ou alguma instituição para fazer parte do Distrito Criativo?
18. Como você acha que poderia chegar perto das pessoas desse projeto, para propor uma ação para o distrito envolvendo o seu projeto?
19. Como você enxerga a participação do seu projeto e da comunidade do Poço da Draga no Distrito Criativo?
20. Poderia me dizer se alguém da comunidade do Poço da Draga tem conhecimento que faz parte geograficamente do Distrito Criativo?

ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA COORDENADORES DO PROJETO FORTALEZA CIDADE CRIATIVA E DO DISTRITO CRIATIVO

1. Poderia me falar sobre você?
2. Você faz parte de qual projeto?
3. Como foi o processo da primeira que o Poço da Draga foi pensado para ser incluído no projeto do Distrito Criativo?
4. Você ou outra pessoa do projeto já entrou em contato com algum líder da comunidade do Poço da Draga?
5. Já aconteceu alguma reunião com esses líderes?
6. Quais foram os assuntos tratados nessa reunião?
7. Nessas reuniões era deixado claro que a comunidade do Poço da Draga iria fazer parte do Distrito Criativo que está sendo construído?
8. Atualmente, quais são os projetos pensados para integrar a comunidade do Poço da Draga ao Distrito Criativo?
9. Existem projetos futuros para o Poço da Draga dentro do Distrito Criativo?

ANEXO C – MAPA DO POÇO DA DRAGA ELABORADO PELO GRUPO DE PESQUISA RASTROS URBANOS

